



Aos mestres, com carinho

História e memória da
Educação Física na
Universidade de Brasília

Alessandra Pessoa Coimbra
Dulce Filgueira de Almeida
Ingrid Dittrich Wiggers
(Organizadoras)



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Aos mestres, com carinho

História e memória da
Educação Física na
Universidade de Brasília

Alessandra Pessoa Coimbra
Dulce Filgueira de Almeida
Ingrid Dittrich Wiggers
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Coordenação de produção editorial : Marília Carolina de Moraes Florindo
Assistência editorial : Emily Dias de Matos
Preparação e revisão : Alexandre Vasconcellos de Melo
Projeto gráfico : Cláudia Dias
Diagramação : Haroldo Brito
Foto de capa : Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos
Estudantis JEBs - Universidade de Brasília. Arquivo
Central/AtoM UnB - <https://atom.unb.br/index.php/00044-10>
© 2022 Editora Universidade de Brasília
Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Heloiza dos Santos – Bibliotecária - CRB1/1913

A638 *Aos mestres, com carinho : história e memória da
Educação Física na Universidade de Brasília /
Alessandra Pessoa Coimbra, Dulce Filgueira de
Almeida, Ingrid Dittrich Wiggers (organizadoras). -
Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2022.
198 p. ; 27 cm.*

ISBN 978-65-5846-118-0 (impresso).
ISBN 978-65-5846-112-8 (e-book).

1. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação
Física - História. 2. Educação física. 3.
Professores. I. Coimbra, Alessandra Pessoa (org.).
II. Almeida, Dulce Filgueira de (org.). III. Wiggers,
Ingrid Dittrich (org.).

CDU 378.096:796



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



MESTRE!

*Tão poucas letras.
Tão pequena palavra*

*Mestre!
Mestre é professor
Mestre é aquele que ensina.*

*Mestre!
Não, não é isto só.*

*Mestre lida,
Mestre luta,
Mestre ama,
Mestre educa,
E Mestre também ensina.*

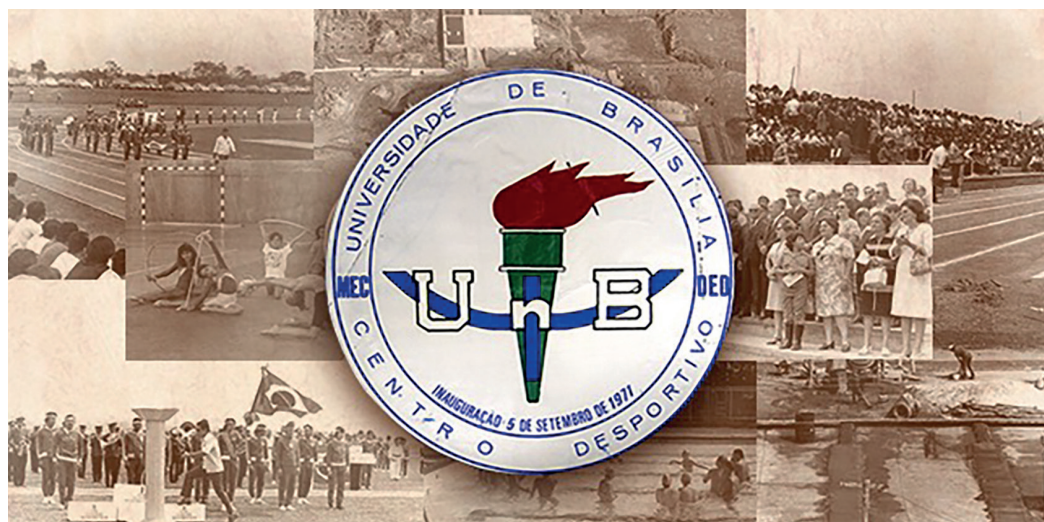
*Mestre,
Esta é sua sina.*

*Grande o seu valor,
Grande o seu dever.*

*Ser mestre,
É ser exemplo,
É ser tudo na vida.*

Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*)
Vitória, ES, 14/10/1970

Emblema do Centro Olímpico: uma das provas documentais resgatadas pelo projeto
“História e memória da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília”



Arte: Ana Rita Grilo/Secom UnB

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD), que subsidiou o desenvolvimento da pesquisa sobre a história da Educação Física, esporte e lazer da Universidade de Brasília (UnB), desde o período original, na década de 1960, até a criação da Faculdade de Educação Física (FEF), em 1997.

Ao Decanato de Pós-Graduação da UnB e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa do Programa de Iniciação Científica, que apoiou a realização das primeiras entrevistas com professores pioneiros da Faculdade de Educação Física da UnB, em 2005.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, pelo suporte ao projeto de pesquisa “História e memória da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília”.

À direção da FEF, representada pelo professor Fernando Mascarenhas, por integrar o projeto de memória da Faculdade de Educação Física ao plano estratégico da equipe de gestão – 2018 a 2021.

À Karine Pires Castro, pelo trabalho de transcrição das entrevistas, bem como à Paula Diniz Lins, pela revisão técnica das transcrições.

Ao servidor Éder de Souza Vasconcelos, pela produção de entrevistas em vídeo, e também a Elizeu Dourado, pela produção e edição do material em vídeo.

Aos professores da FEF, Alexandre Luiz Gonçalves Rezende, Aldo Antônio de Azevedo, Luiz César dos Santos, Jake Carvalho do Carmo e Paulo Henrique de Azevêdo, que, gentilmente, colaboraram de maneira significativa para a realização deste projeto, atuando como entrevistadores e prestando homenagens aos professores pioneiros.

Aos professores pioneiros da FEF, que dedicaram sua vida de trabalho à UnB, por contribuírem com suas memórias, documentos e fotografias, fortalecendo, assim, nossa identidade e perfil institucional.

Especialmente aos pioneiros que concederam as entrevistas, professor Renato Garcia Nóbrega (*in memoriam*), professor William Passos (*in memoriam*), professor Antônio Carlos Alvarenga Balthazar, professor Osmar Riehl, professora Maria Rute Jácome de C. Cavalcanti, professora Solange de Cássia Elias Passos, professor Alcir Braga Sanches, professora Maria Helena Siqueira (*in memoriam*), professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*) e professor Iran Junqueira de Castro.

Aos familiares de professores pioneiros, sobretudo a Luana Siqueira Reis, Helena Pessoa Cantarino, Roberto Garcia Nóbrega e Professora Solange de Cássia Elias Passos, que, carinhosamente, prestaram homenagens e compartilharam documentos e fotografias dos acervos pessoais.



Sumário

Prefácio 15

Efemérides 19

Ingrid Dittrich Wiggers
Alessandra Pessoa Coimbra

CAPÍTULO 1

Trajectoria histórica da criação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília 23

Ingrid Dittrich Wiggers
Alessandra Pessoa Coimbra
Carolina Nascimento Jubé

1. Pioneirismo **23**
2. História, memória e identidade **26**
3. Desenho metodológico **27**
4. Linha do tempo **29**
5. Professores pioneiros **31**
6. Imagens que antecederam a criação da Faculdade de Educação Física **33**
7. Rumos da pesquisa histórica **38**

CAPÍTULO 2

Olhares sobre a Educação Física da Universidade de Brasília: perspectivas dos fundadores 43

Dulce Filgueira de Almeida
Fábio de Assis Gaspar

CAPÍTULO 3

Apresentação dos professores pioneiros 51

1. Professor Renato Garcia Nóbrega (*in memoriam*) **51**
Por Paulo Henrique Azevêdo e Roberto Garcia Nóbrega
2. Professor William Passos (*in memoriam*) **54**
Por Solange de Cássia Elias Passos
3. Professor Antônio Carlos Alvarenga Balthazar **55**
Por Aldo Antônio de Azevedo
4. Professor Osmar Riehl **57**
Por Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende
5. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti **58**
Por Luiz César dos Santos
6. Professora Solange de Cássia Elias Passos **59**
Por Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende
7. Professor Alcir Braga Sanches **61**
Por Jake Carvalho do Carmo
8. Professora Maria Helena Siqueira (*in memoriam*) **62**
Por Ingrid Dittrich Wiggers e Alessandra Pessoa Coimbra
9. Professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*) **63**
Por Helena Pessoa Cantarino
10. Professor Iran Junqueira de Castro **64**
Por Alessandra Pessoa Coimbra

CAPÍTULO 4

Entrevistas realizadas com professores pioneiros (2005) 67

1. Professor Renato Garcia Nóbrega (*in memoriam*) (R.G.N.) **67**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
2. Professor William Passos (*in memoriam*) (W.P.) **75**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
3. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti (M.R.J.C.C) **87**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

4. Professora Solange de Cássia Elias Passos (S.C.E.P.) **98**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
5. Professor Alcir Braga Sanches (A.B.S.) **104**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
6. Professora Maria Helena Siqueira (*in memoriam*) (M.H.S.) **112**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
7. Professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*) (M.R.C.F) **120**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

CAPÍTULO 5

Entrevistas realizadas com professores pioneiros (2018 e 2019) 135

1. Professor Antônio Carlos Alvarenga Balthazar (A.C.A.B.) **135**
Entrevistador: Aldo Antônio de Azevedo (A.A.A.)
2. Professor Osmar Riehl (O.R.) **140**
Entrevistador: Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende (A.L.G.R.)
3. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti (M.R.J.C.C.) **148**
Entrevistador: Luiz César dos Santos (L.C.S.)
4. Professora Solange de Cássia Elias Passos (S.C.E.P.) **160**
Entrevistador: Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende (A.L.G.R.)
5. Professor Alcir Braga Sanches (A.B.S.) **167**
Entrevistador: Jake Carvalho do Carmo (J.C.C.)
6. Professor Iran Junqueira de Castro (I.J.C.) **178**
Entrevistadora: Alessandra Pessoa Coimbra (A.P.C.)

Perspectivas 195

Ingrid Dittrich Wiggers
Alessandra Pessoa Coimbra

Conjugando 197

Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*)

Vista aérea do Centro Olímpico (CO). No lado esquerdo superior aparece o Lago Paranoá; a via L4 aparece cortando verticalmente a fotografia. Veem-se, também, as quadras de esportes e os prédios do alojamento estudantil.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-03>.



Entrevistas realizadas com professores pioneiros (2018 e 2019)

1. Professor Antônio Carlos Alvarenga Balthazar (A.C.A.B.)

Entrevistador: Aldo Antônio de Azevedo (A.A.A.)

A.A.A.: Sou o professor Aldo de Antônio Azevedo, da Faculdade de Educação Física, e nós estamos aqui para uma atividade que estamos realizando durante essa semana, esse período, que é uma atividade de entrevistas com pioneiros da Faculdade de Educação Física, é uma atividade do Centro de Memórias de Educação Física da Universidade de Brasília, e hoje estamos recebendo aqui a figura do ilustre professor Antônio Carlos Balthazar, que foi um dos pioneiros da faculdade, foi meu professor da disciplina Basquetebol I, e eu, inclusive, quando fui aprovado no concurso aqui para a faculdade, entrei na vaga do professor Balthazar. Bom, professor, a primeira parte da nossa entrevista se refere à trajetória pessoal e profissional. Então, gostaria que o senhor falasse um pouquinho dessa sua trajetória, de como se tornou professor, até a sua chegada aqui na Faculdade de Educação Física.

A.C.A.B.: A minha trajetória profissional começou ainda com 14 anos de idade. Com 14 anos de idade, eu morava na cidade de São Paulo e tive o meu primeiro emprego: foi em uma indústria farmacêutica, Laboratório Wander do Brasil. Eu trabalhava com entrega de medicamentos para os médicos da cidade, que hoje é uma atividade feita por representantes de laboratório. Esse laboratório é um laboratório que fabrica hoje o conhecido Ovomaltine. Depois disso, a minha família se transferiu para Rio Claro, São Paulo. Em Rio Claro, eu fui trabalhar com o meu avô, que era serventuário da Justiça. Trabalhei com o meu avô mais ou menos por uns dois anos, dois ou três anos. Posteriormente, fui trabalhar na Cia Cervejaria Caracu, na cidade de Rio Claro. Na Caracu, eu trabalhei como auxiliar de almoxarifado de escritório. Depois da Caracu, eu fui trabalhar na Centrais Elétricas de São Paulo. Inclusive, nas Centrais Elétricas de São Paulo que eu conheci o professor Riehl, que foi também funcionário das Centrais Elétricas de São Paulo. Aliás, eu o conheci lá e

também nas pistas de atletismo lá de Rio Claro. Na Cesp, eu trabalhei por cerca de dois anos, dois ou três anos – está no meu relato aqui escrito –, e, ainda na Cesp, veio a vontade de fazer o curso de Educação Física. Nessa época, eu tinha uma amizade com o Riehl, porque eu me lembro do Riehl desde o tempo em que ele era atleta e nós pegamos uma amizade e resolvemos fazer o vestibular para Educação Física na Universidade Católica de Campinas. Então, fomos juntos para Campinas e fomos colegas de faculdade durante os três anos de faculdade, porque antigamente o curso era de três anos. Me formei em 1972. Ainda durante o período em que estava estudando... O estado de São Paulo tinha uma carência muito grande de professores de Educação Física, então o estado aceitava alunos a partir do primeiro ano de faculdade para suprir as necessidades da Educação Física na idade escolar, primeiro grau, primeiro e segundo grau, e contratava professores a título precário. Já no primeiro ano de faculdade, eu fui dar aula em São Paulo. Dei aula para alunos de primeiro grau durante mais ou menos uns seis, sete meses. Depois de formado, soube de informações de que Brasília tinha um certo mercado para professor de Educação Física. Como disse anteriormente, eu fui amigo e colega de faculdade do professor Riehl. Nós resolvemos vir para Brasília para tentar começar nossa carreira como professor aqui em Brasília. Isso foi no final de 1972, começo de 1973. Chegamos em Brasília, procuramos informações de onde poderia haver mercado, locais em que o professor pudesse trabalhar, e fomos informados de que na universidade tinha um Centro Desportivo e que tinham alguns professores que trabalhavam aqui. Então, nós viemos para a universidade, para o Centro Desportivo – na época era o professor Hélio Bettero que estava começando a coordenar o Centro Desportivo. Não vou falar sobre o Regime Militar, mas era a época em que o professor Hélio Bettero era professor de Educação Física, formado pela Escola de Educação Física do Exército, e estava designado para dirigir o Centro Desportivo. Então nós, eu e o professor Riehl, viemos juntos, como eu falei, para o Centro Desportivo conversar com professor Hélio Bettero. Eu me lembro que, na primeira conversa, contamos a nossa história para o professor Hélio Bettero e eu me lembro de uma frase que ele nos disse: “eu estou montando uma equipe e eu quero pessoas para carregar o piano, dispostas a trabalhar”. Depois disso, acabamos sendo contratados e começamos a trabalhar aqui no Centro Desportivo. Depois, veio a obrigatoriedade da Prática Desportiva para os alunos, que ia ser oferecida para todos os alunos da universidade. Por essa razão, o professor Bettero estava montando uma equipe justamente para atender a essa necessidade. Então, eu e o professor Riehl soubemos dessa informação e viemos conversar com professor Hélio Bettero. Na entrevista que fizemos com ele, pelo menos para mim, ele chegou e falou o seguinte: “eu quero gente disposta a carregar o piano”. Era o termo que ele usou, que eu me lembrei e nunca me esqueci. Depois disso, ele mandou a gente trazer o nosso currículo e acabamos sendo contratados em 1º de março de 1973. Depois de 1973, começou a atividade das Práticas Desportivas, que eram realizadas primeiro assim, tinha um... Parece que tinha um rodízio. Depois disso, teve a contratação de mais alguns professores para poder suprir a necessidade de professores para dar as Práticas Desportivas, e os alunos de todos os cursos faziam parece que

dois semestres de Prática Desportiva, que era Prática Desportiva I e Prática Desportiva II. No começo da Prática Desportiva, os alunos passavam por um rodízio de atividades, eles passavam, se não me engano, por natação, que era a atividade de natação, por atletismo, por basquetebol e por natação. Todos os alunos passavam por um número de aulas que eles faziam esse rodízio. Com essa obrigatoriedade, aventou-se a necessidade de a gente se tornar uma unidade isolada pelas próprias especificidades da nossa atividade. Acho que nessa época foi que surgiu a ideia de se criar o Departamento de Educação Física. O Departamento de Educação Física, como foi falado, era uma unidade pertencente à Faculdade de Ciências da Saúde. Como eu falei antes, nós tomamos conhecimento, eu e o professor Riehl, de que talvez houvesse necessidade da contratação de professores para atender às Práticas Desportivas que seriam oferecidas pela universidade. Nessa época, a pessoa que era diretor do Centro Desportivo era o professor Hélio Bettero, que era o responsável pela unidade Centro Olímpico. Então, nós conversamos, eu e o professor Riehl, assim que chegamos a Brasília, nos informamos dos locais onde poderia haver oportunidades para professores de Educação Física e nos falaram do Centro Desportivo. Quando nós nos dirigimos até o Centro Desportivo, era o professor Hélio Bettero o diretor do Centro e, por coincidência, estava montando, ele ia montar uma equipe para começar a atender à necessidade da obrigatoriedade das Práticas Desportivas, que seriam oferecidas para os alunos de todos os cursos. Fizemos uma entrevista e fomos contratados pelo Bettero, isso em 1973, como orientador desportivo, ainda não como professor. As Práticas Desportivas, como acho que eu até já falei, eram dadas em um rodízio de quatro modalidades, então eles contrataram professores para dar atletismo, para dar natação, ginástica e basquetebol. Havia necessidade de atender à demanda para a obrigatoriedade da Prática Desportiva, e eu comecei a trabalhar como orientador desportivo, eu não me lembro mais ou menos quanto tempo que eu trabalhei como orientador desportivo. Posteriormente a isso, teve um concurso, um concurso público para professor de Educação Física, e nós que já estávamos aqui dentro tivemos que nos submeter a esse concurso. Fui aprovado e comecei a trabalhar então na Faculdade de Educação Física como professor, já como professor, ministrando a disciplina de Basquetebol. Então me lembro que eu dava Basquetebol I e Basquetebol II. O que posso dizer também da minha experiência profissional é que os colegas que eu tinha eram extremamente prestativos e cooperativos e que tem colegas ainda que tenho amizade até hoje, por exemplo o professor Riehl, o professor Iran, de vez em quando encontro com ele, o professor Alexandre foi embora, porque ele era apaixonado pelo Rio de Janeiro, estava aqui, mas com a cabeça no Rio de Janeiro. Foi um período da minha vida muito agradável, que passou muito rápido.

A.A.A.: Enfrentou desafios, problemas durante a sua trajetória profissional? Quais?

A.C.A.B.: Não enfrentei tantos problemas de ordem profissional, porque o clima na universidade, a relação que nós tínhamos era muito boa, então não tivemos muitos problemas. Só essa questão de quando foi criada a faculdade que alguns professores ainda ficaram

como orientadores, pois tiveram que fazer o concurso para poder atuar nas disciplinas oferecidas para o curso de Educação Física.

A.A.A.: Professor, o que deu certo e o que deu errado nesse seu percurso educacional?

A.C.A.B.: Eu acho que praticamente... As coisas erradas não foram muitas, foram pequenas coisas insignificantes. Acho que deu mais certo do que errado, tanto é que hoje a Faculdade de Educação Física está consolidada, é uma faculdade reconhecida como uma boa Faculdade de Educação Física. Então, eu acho que as coisas deram mais certo do que errado. Por exemplo, uma coisa que nos deixa orgulhosos é ver ex-alunos carregando o piano (inint) [00:18:51]. Você, que foi meu aluno, excelente aluno por sinal, e muitos outros professores que passaram por aqui e estão trabalhando na universidade.

A.A.A.: Professor, quais as tecnologias que eram utilizadas na década de 1960, 1970 para facilitar o processo ensino/aprendizagem dos alunos?

A.C.A.B.: Nessa época, tínhamos algumas dificuldades, mas a gente utilizava retroprojetores, filmes, aqueles filmes antigos. Então, esse que era o auxílio audiovisual que a gente tinha. Projetor de slides, que hoje em dia já está ultrapassado, acho que nem existe mais retroprojetor.

A.A.A.: O que motivou a criação do Departamento de Educação Física e as discussões que levaram o Departamento de Educação Física a se separar da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB?

A.C.A.B.: A mudança do curso seguiu o contexto de aquisição de maior autonomia para a Faculdade de Educação Física, o que permitiu o crescimento do curso, de modo a atender às especificidades que a gente tinha dessa área de conhecimento e à necessidade de uma estruturação do currículo do curso. Inicialmente, já no curso de Educação Física, o aluno passava por uma formação básica, uma visão mais tecnicista, e essa situação, com a reestruturação do curso, passou dessa visão tecnicista, que era uma visão mais de formação de um treinador do que de um professor, para uma abordagem mais humanista e voltada para a prática docente. Não foi tão difícil essa transformação, uma vez que a gente já tem na estrutura do Departamento de Educação Física toda uma estrutura já de faculdade. A gente tinha Secretaria de Graduação, a gente tinha sala de professores, tinha sala de coordenação, salas de aula, já se encontrava tudo concentrado aqui no prédio da EDF. Essa transformação, na minha opinião, não foi um processo complicado, foi um processo até normal e fácil de acontecer.

A.A.A.: O que foi mais desafiador após essa mudança do curso da Faculdade de Ciências da Saúde para a Faculdade de Educação Física?

A.C.A.B.: Da minha parte, não encontrei muita dificuldade, muito pelo contrário, a gente se sentia mais satisfeito pela nossa autonomia e podendo caminhar com nossas próprias pernas.

A.A.A.: O que significa para o senhor fazer parte da história dessa faculdade?

A.C.A.B.: A gente sente um sentimento de orgulho, de dever cumprido, vamos dizer assim, porque hoje a universidade está consolidada, reconhecida, está entre uma das

melhores Faculdades de Educação Física do Brasil, um curso bem-conceituado, então a gente sente orgulho de ter feito parte de tudo isso, de ter sido o embrião. Depois de tantas dificuldades, quer dizer, as dificuldades não foram em vão. Hoje, nós temos uma faculdade consolidada, com ex-alunos já doutores, carregando o antigo piano do professor Bettero. Cálculo que, se ele estivesse vivo, estaria irradiante de alegria, porque ele era apaixonado por isso daqui.

A.A.A.: Professor, que sentimentos permanecem nessa sua trajetória profissional, e se o senhor sente que poderia ter feito algo mais pela faculdade e se a sua missão, no seu entendimento, de fato foi cumprida?

A.C.A.B.: Não, eu acho que eu não me sinto frustrado pelas coisas que eu não consegui fazer não. Eu me sinto realizado de ter dado a minha contribuição. Acho que não foi uma grande contribuição, mas orgulhoso de ter feito parte dessa história.

A.A.A.: Professor, que mensagem o senhor passaria para os seus colegas que estão na ativa na faculdade, para os professores que estão atuando com a educação básica e para os futuros estudantes que almejam cursar Educação Física?

A.C.A.B.: Eu, como professor de Educação Física, diria o seguinte para os futuros interessados na área: é uma profissão linda, uma profissão que te dá muito prazer você trabalhar com uma atividade que a maioria das pessoas gosta, que é a atividade física. Então, eu diria o seguinte: aquele que se interessar pela área procure estudar. Na minha época, não tinha tanto curso, tantas escolas. Hoje, nós temos toda uma tecnologia disponível, é um incentivo muito grande para o aluno, para a pessoa que se interessa em ser professor de Educação Física e trabalhar na área. É uma área que dá muito prazer de você trabalhar. Você trabalha de forma livre, não é aquele negócio de ficar preso dentro de uma sala de aula. Então, eu acho que é isso. Dentro da família, eu tenho um filho que eu acho que foi teu aluno, o Rogério. Ele formou-se aqui pelo departamento, hoje trabalha como *personal trainer* e está terminando o curso de Fisioterapia também. Gosta muito da área de Educação Física, mas é voltado mais para essa área de Educação Física, melhoria de saúde – esse negócio todo – e é também um idealista em relação à área de Educação Física, eu tenho muito orgulho disso. Ele fez Mestrado em Neurociência pela Universidade Federal do ABC, em São Paulo, e está caminhando, quem sabe futuramente pode ser até professor da faculdade. Eu diria para a geração futura que vale a pena ser professor de Educação Física, apesar de no início ela ter sido um pouco discriminada, vamos dizer assim, hoje não, hoje a pessoa fala “sou professor de Educação Física” com orgulho, porque é uma área reconhecida como, principalmente, para a melhoria da qualidade de vida, como no sentido da sociabilidade. Eu acho que, nesse sentido, vale a pena ser professor de Educação Física. Além de ser uma atividade em que você trabalha livremente, não tem aquele negócio de você ficar... Eu, por exemplo, que comecei a minha vida trabalhando em cartório, sentado lá em cima de um livro, é muito melhor você estar em uma quadra, em uma piscina dando aula de Natação, dando uma aula de Basquete, em uma pista de atletismo do que estar em cima de um livro.

Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos Estudantis (JEBs).
Desfile, comitiva de Brasília na abertura dos Jogos Estudantis.
Ao fundo, carros estacionados e árvores do Cerrado.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00044-13>.

2. Professor Osmar Riehl (O.R.)

Entrevistador: Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende (A.L.G.R.)

A.L.G.R.: Temos a o prazer de contar com a presença do professor Osmar Riehl, um dos pioneiros do nosso curso de Educação Física na UnB. Vamos poder conversar com ele para tentar resgatar um pouco dessa nossa memória. Vamos iniciar, portanto, entendendo um pouco como foi a trajetória pessoal e profissional do professor Riehl até chegar à UnB. Bem, Riehl, começaremos então para você nos contar um pouco da sua história de vida, as coisas que você julga que foram importantes e decisivas, inclusive para a sua escolha profissional. Gostaríamos de saber como você se tornou professor. Quais foram as influências que te levaram a essa decisão?

O.R.: Primeiro, eu queria dizer que é uma alegria estar aqui com o professor Alexandre, fazendo nossa iniciativa da faculdade de recordar os momentos iniciais dessa faculdade. Eu diria que nós fomos guiados por Divino, porque no início da minha vida como aluno ainda da escola, como criança, praticando, no primário e ginásio na Escola Alemã, no ginásio (inint) [00:02:39], no interior de São Paulo, em Rio Claro propriamente,

aquelas aulas de Educação Física na escola, que tinha uma tradição de competição na natação estadual e pistas de atletismo e quadras de basquete e vôlei e a orientação toda de atividade física, da importância dela naquele momento. Eu vim a Brasília para fazer um registro do meu diploma que valeria para disputar as vagas nas escolas – 100 pontos –, e um título ou um certificado não valia 20 pontos. Chegando, eu e o professor Balthazar fomos hospedar no Sesc, ali na W3 na 505, almoçávamos no Sesc e encontramos o responsável pela recreação dos comerciários que veio transferido de São Paulo para o curso de Educação Física da UnB, que tinha sido criado no primeiro semestre de 1972. Ele comentou por que nós não nos dispuséssemos a fazer assim. Viemos aqui, encontramos o Coronel Bettero e ele disse: “você é o professor Riehl e você é o professor Balthazar”. Ele bem militar, coronel, e isso ficou durante toda a minha vida – professor Riehl – e muitos desconheciam o meu primeiro nome que é Osmar. Ele estava formando uma equipe de dez professores cada uma e ele deu preferência para quem fosse de fora e fomos selecionados nesse momento como orientadores desportivos, que pertencia ao Serviço de Recreação e Desporto, hoje lá no Decanato Comunitário.

A.L.G.R.: Antes de você chegar à UnB, você teve outra profissão ou você sempre trabalhou como professor? Esteve ligado a outra instituição?

O.R.: Eu tinha que viajar 90Km de Rio Claro, me deslocar de trem, fazia as aulas à noite, voltava e, durante o dia, eu trabalhava como auxiliar administrativo nas Centrais Elétricas de São Paulo, Cesp. Não era o meu perfil, eu não conseguia ficar preso à cadeira, a quatro paredes e me incomodava.

A.L.G.R.: Na sua experiência dentro da Universidade de Brasília, que cargos você ocupou? Que funções você desempenhou? Concomitante com a de professor, que a gente sabe que sempre é a função principal dentro da universidade.

O.R.: Eu fui coordenador da Prática Desportiva, depois vice-chefe de departamento, fui eleito chefe do departamento e, no término do meu mandato – a vice era a professora Keila –, fui convidado... Aliás, a professora Paulina Targino – ex-decana de graduação da Faculdade de Ciências de Saúde – queria formar uma chapa para a FS pedindo o nome do Departamento de Educação Física. Concorremos com três chapas e eu fui indicado a compor, a ser o vice-diretor da Paulina. Aí, nós já começamos a mudar, foi o final nosso junto à Faculdade de Ciências e Saúde. Vindo a proposta da faculdade, todo momento importante, mudamos para a Faculdade de Educação Física e foi um salto de qualidade. A gente ficava muito amarrado para sair, ir a congresso, as verbas eram da Faculdade de Ciências e Saúde, os médicos predominavam e sobrava muito pouco para a gente. Tudo isso também foi bom. Esse momento é fundamental para a gente romper, desenvolver o nosso trabalho.

A.L.G.R.: Com a questão da faculdade, você também atuou na coordenação de extensão?

O.R.: Sim, foi feito o grupo. Existia na época a lei que só poderia exercer cargo de diretor quem fosse doutor, exigência de lei. Nessa época, foi o professor Iran e a professora Ana Maria Renê, que assumiu vice porque ela tinha um cargo de adjunto.

A.L.G.R.: Durante a sua carreira profissional, quais seriam aqueles que você considera os principais desafios que você teve que enfrentar? Como que eles te marcaram? Um pouco das contribuições que você pôde deixar diante dessas situações.

O.R.: Nós tínhamos uma estrutura física fantástica: duas pistas de atletismo, quadras de basquete e vôlei, quadras de tênis, piscinas maravilhosas. Nesse momento, era o melhor espaço de lazer de Brasília e faltava o componente humano. Nossa equipe enfrentou isso com muitas dificuldades. Nós tínhamos... Projetar slides, mimeógrafo movido a álcool...

A.L.G.R.: O acesso a livros e biografia era fácil?

O.R.: Os livros eram mais bibliografados do que... Na época, era muito rudimentar, sem muita foto... Eu tenho que dizer que houve em 1973 um concurso público para professor colaborador. Olha só, vim à cidade para fazer um concurso para professor colaborador. Houve uma grande quantidade de pessoas que se inscreveram nesse momento e fomos aprovados sete professores, três eram dessa época, e foi muito interessante que esse concurso já dá um grau de exigência maior dos nossos professores. Aparece no grupo também como concursado e aprovado o professor Cantarino, que deu uma parte boa na parte pedagógica e na parte administrativa do então criado Departamento de Educação Física. Nós tínhamos que buscar as informações via biblioteca. Eu busquei muitos filmes de atletismo em uma metodologia pedagógica, excelentes filmes da Embaixada alemã. Junto com o Davi, fazíamos o treinamento todo em 16 milímetros, tinha uma máquina que a gente projetava, às vezes queimava. Era muito interessante e buscando sempre... Tínhamos, no atletismo, os dados de excelente qualidade, o peso bom, quantidade... Tínhamos a pista toda, aliás, quando recém-inaugurada, com o melhor poliuretano. Vimos toda a construção dela, as dificuldades. Então, para o atletismo, era o local ideal para você dar aula e treinar equipes. Como nós tínhamos obrigação também de ser técnicos das modalidades, fui técnico de atletismo e também diretor técnico da FAUnB – Federação Atlética da Universidade de Brasília, depois é que virou FAUnB –, porque era da Universidade de Brasília, não era do Distrito Federal, e naquela época também não existiam outras universidades, posteriormente veio... Aliás, tinha o Ceub.

A.L.G.R.: Não tinha Educação Física no Ceub?

O.R.: Não, em Educação Física os cursos só vieram aparecer mais recentemente, uns 20 anos atrás. Tinha o curso da Dom Bosco, que depois virou Universidade Católica, que foi até transferida para Taguatinga.

A.L.G.R.: O que você poderia dizer para nós que deu certo e que deu errado nesse seu percurso educacional?

O.R.: Nesse período, o interessante é que o MEC, a SEED/MEC – Secretária de Educação Física e Desporto – proporcionava a vinda de professores estrangeiros e passavam

15 dias, um mês com os professores. Estiveram aqui Liselott Diem e um outro professor do atletismo...

A.L.G.R.: O Listello? Auguste Listello?

O.R.: O Listello é francês, não, mas estive o Le Boulch; Heinilla da Finlândia, da parte de metodologias. Enfim, qualificando melhor os nossos... O interessante é que prenomavam, naquela época, os jogos escolares, os jogos universitários, então nós recebemos o grupo do JEBS, realizado várias vezes em Brasília. Participávamos... Eu fui como técnico de atletismo e levando a equipe para Belém do Pará, foi o primeiro trabalho. Esses intercâmbios mais desportivos do que acadêmicos. O acadêmico nós fomos descobrir depois, mais alguns FAUnB anos, que essa parte não tinha valor na academia, pontuação para progressão, enfim. Aí, procurou-se a qualificação tanto no mestrado... Foi nesse momento que a gente procurou fazer o mestrado. Eu fui para São Paulo, depois foi o Iran, a Solange, o Alcir.

A.L.G.R.: Quais são, você fazendo um olhar para o passado, as tecnologias que estavam em jogo na década de 1970 e 1960 quando o curso foi criado? Como que essa questão tecnológica foi gerando impactos sobre o próprio trabalho docente dentro da universidade?

O.R.: Quando eu fui chefe, nós tivemos recursos nenhum, era muito contido, muito pouco, era o final de uma... Começo de uma nova república e tínhamos que dar essas soluções, buscando... Fizemos aqui academia e cobrávamos, fazíamos atividades que tinham que arrecadar um recurso para a manutenção. Isso provocou muitas... O material gasto, mais energia... Os nossos alunos são excelentes, porque são aprovados em um vestibular difícil, e eles colaboravam muito na compreensão das dificuldades que passamos. Levei quase dez anos para comprar um aparelho de dobras cutâneas melhor da Inglaterra, importado, enfim...

A.L.G.R.: Hoje temos vários.

O.R.: ...hoje tem vários. O impressionante é que, quando eu cheguei, nós tínhamos caixas de antropométricas de excelente qualidade. Enfim, nós tínhamos muitos equipamentos já comprados, não sei por quem, quando eu cheguei na área de medidas. Outras dificuldades em comprar uma esteira, um aparelho para medir a capacidade aeróbica eram muito mais no prático, na corrida do teste de Cooper, na época era muito enfatizado. O interessante do Cooper é que ele muda também... A Educação Física era realizada com movimentos e inclui dentro da corrida o tempo, o percurso, a respiração, as avaliações periódicas, a medição dos resultados, o controle. Eu hoje até já ouvi dizer que estão usando chips, GPS para fazer as voltas, controlar o tempo, frequência cardíaca...

A.L.G.R.: Totalmente monitorado e sem fio.

O.R.: ...e sem fio. No início, não havia essa parte. Aqui estive o Balk mostrando como fazia a esteira, que era do Cooper, as primeiras pesquisas... Dando então esse enfoque já para o lado científico e desenvolvendo a biomecânica, desenvolvendo o controle motor, de reposta, reação, aprendizado, dando à Educação Física um outro posicionamento.

A.L.G.R.: Na sua opinião, quais foram os principais desafios que os professores do Departamento de Educação Física tiveram que enfrentar para conseguir a criação da Faculdade de Educação Física?

O.R.: Nesse momento, houve no Brasil uma... Encaminharam muitos professores. O SEED/MEC mandava professores para fazer mestrado lá em Iowa, renovando o conhecimento de uma forma antiga, empírica de se trabalhar. Como eu falei do nosso treinamento no interior, nós tínhamos revista de musculação – o ensino a distância daquela época já tinha –, de formação muscular, era um homem Mister Universo, o Schwarzenegger era um dos representantes e motivando a garotada a fazer. E vem mudando essas proposições para uma Educação Física independente, uma forma... Mesmo na Alemanha um movimento bem mais consistente. Um exemplo muito vivo é a dificuldade do professor Cantarino de ser admitido na Faculdade de Educação para fazer mestrado. Para sair, na época, você ganhava 25% do salário mais 25% se você tivesse um cônjuge, depois mais 25% por cada filho, enfim, era uma dificuldade enorme de sair. Então, nós vivíamos muito dependentes de bolsas. As bolsas também não eram bolsas integrais na época. Depois não, os pioneiros é que sofrem, e hoje, graças a Deus, nós temos auxílios que ajudam o indivíduo a estudar, trabalhar, qualificar melhor, procurando a melhoria do ensino. Isso foi muito estimulado e a gente queria, não havia muito.

A.L.G.R.: O currículo de 1972 – o currículo inicial – terminou sofrendo uma mudança na década de 1980. Quais foram os principais aspectos dessa mudança curricular?

O.R.: Toda uma visão tecnicista de exigências, de performances, de exigências de desempenho físico e acadêmico – sempre nós temos associada a prática e a teoria, isso é importante. Não muita preocupação com os aspectos pedagógicos da forma como abordar, como desenvolver uma aula prazerosa que tivesse uma compreensão maior do praticante daquela atividade...

A.L.G.R.: As disciplinas até mudaram de nome.

O.R.: ... e mudaram... Em função disso, mudaram os nomes, e eu diria que às vezes as cabeças não muito, porque a gente estava já formado dentro de um... Então, esse foi um desafio de mudar as nossas posturas para uns aspectos mais pedagógicos, metodológicos, de executar o movimento, análises mais científicas do movimento também...

A.L.G.R.: Como eram os nomes antes e como ficaram? Antes era Atletismo?

O.R.: ...Atletismo I, II e depois ficou Metodologia do Atletismo I, Metodologia do Atletismo II e Atletismo. Era já uma atividade como anterior, exigida muita competição, performance que era obtida. Todas as disciplinas tiveram essa postura, mudando os nomes e a filosofia do trabalho. Isso foi provocado... Foi ainda estabelecido uma... E continuou depois. Eu falei sobre a Vera, que era esposa do Tubino, que acompanhou, exigindo ementas diferentes, conteúdo diferente, avaliação diferente, que era muito voltada para o aspecto, vamos dizer, competitivo e agora não, teria que respeitar o desempenho do que as pessoas poderiam fazer. Se eu corri, eu não tinha que correr o Cooper 2.000m, que era uma exigência na entrada, mas, se eu fizesse 2.000m, eu tenho... Enfim, em um primeiro momento e depois fizesse mais, ou menos, não havia uma correspondência enquanto avaliação da disciplina. Foram todos esses fatores curriculares e também administrativos que nós tínhamos dificuldade. Os recursos eram para a Faculdade de Ciências da Saúde e nós tínhamos

aqui também piscina, enfim, tudo uma disputa para manter atividades mais administrativas do que... teóricas também, que eles tinham uma tradição bem mais biológica, a visão mais... A gente tinha uma holística, uma visão do todo do ser humano, e é rico por causa dessa situação e não específico da doença, nós estamos na saúde, atividades muito ricas. Isso veio provocar, então, uma já latente, desde quase o início, de uma independência, até por questões políticas. Por exemplo, nós aqui reuníamos, fazíamos a lista sêxtupla, tinha que encaminhar para a via FS, e a escolha era na FS, nem sempre era o primeiro da lista que nós tínhamos votado que era o escolhido. Então, havia um atrito e nós não queríamos isso nesses momentos. Chegou um momento em que a gente obteve essa... A gente começa a fazer – em 1991, 1992 – o esboço de uma proposta de mudanças. Retorna o professor Iran dos Estados Unidos, montamos uma nova proposta mais concreta e no momento foi favorável com o Todorov, que nos proporcionou também a criação da faculdade.

A.L.G.R.: Riehl, pense você em uma situação informal, em casa, em uma roda de amigos, em uma mesa com os netos. O que você contaria como sendo essa sua experiência de vida dentro da Faculdade de Educação Física?

O.R.: Foi muita alegria. As tristezas foram pequenas – nem me lembro –, mas foi o conviver em um ambiente saudável na busca da compreensão – o esporte proporciona isso para nós –, de garra, de energia, de controle emocional, de desafios, de ganhar, perder... Isso faz parte do nosso dia a dia. Então, você vê que aquelas vitórias que você teve foram frutos de um trabalho que você fez e desenvolveu, e as derrotas só devem ser utilizadas como estímulo para a gente vencer, recuperar – onde que houve as falhas, onde que a gente pode treinar mais, a tática, a técnica –, enfim, uma exigência muito grande. Dar aula é uma alegria na Educação Física. Eu vivenciei muito... Principalmente em Prática Desportiva, que era mais recreativa, jogos recreativos, teve aluno que ficou quatro semestres fazendo a mesma disciplina, porque gostava das atividades. A Educação Física proporciona prazer, proporciona a compreensão do corpo do outro e do seu, seu desempenho. Às vezes, você precisa ajudar, é ajudado, enfim, é um complexo de tática, técnica envolvidos que cominam para você uma formação principalmente do caráter, dessa compreensão de vida que a gente tem que ter hoje e que é tudo um conjunto. Apesar das nossas internas, nós tivemos às vezes compreensões diferentes de posições, mas nós não divergimos entre nós. A divergência sim, mas não barreiras entre a gente. Esse era o ambiente da Educação Física, um respeito ao outro. Isso é fundamental.

A.L.G.R.: Riehl, fazendo uma reflexão no final, agora depois de aposentado, tem alguma coisa que você ainda gostaria de fazer pela Educação Física ou você considera que a sua missão está cumprida?

O.R.: Eu estou em um momento muito interessante, porque eu termino a minha progressão de carreira exercendo tudo isso e, no final, ainda vou para o ADUnB, sindicato dos professores, associação dos docentes, que a gente acompanhou muitos anos, no início com muitas greves, muitas lutas e, ao término da minha carreira, eu vou e somos eleitos duas gestões, onde acompanhei todo o trabalho da construção do auditório, depois a defesa dos

nossos interesses da progressão, da reforma da previdência, que a gente propôs campanha contra essa parte... Então, a gente estava buscando um entendimento. Para mim, foi um... Ainda estou em êxtase... Uma vida que a gente passou de alegrias e de tristezas em alguns momentos, alguns colegas já se foram, mas todos nós tínhamos uma defesa da Educação Física e nos portamos muito bem, tanto que o nosso curso sempre esteve bem referenciado nos rankings das escolas de Educação Física do Brasil e de Brasília também. Então, eu me sinto satisfeito de ter... E agradecer todos esses momentos que nós vivemos juntos como aluno, professor, colega. A universidade é muito boa, porque nós não temos o... Você tem liberdade de expressão, acadêmica – seguindo os currículos, as exigências, os conteúdos –, porém você desenvolve uma liberdade de poder crescer em diversos... Buscar novas informações. Eu sempre me reportava, dizendo umas historinhas dentro das minhas aulas sobre Esopo, coisas assim, lembrando uma parábola que as pessoas captassem, uma história, sempre nas Práticas Desportivas e também na graduação... Então, nesse momento é uma pergunta difícil de responder.

A.L.G.R.: Eu queria que você contasse para nós um pouco de como que, nas disciplinas, às vezes você tem que criar oportunidades para que os alunos desenvolvam algumas competências que eles vão precisar na vida profissional, e sabemos que o Cross Cerrado surgiu como uma dessas iniciativas. Conta um pouco para gente sobre como foi a criação do Cross Cerrado.

O.R.: A disciplina Atletismo tem a corrida e a organização de um evento e surgiu da seguinte forma: dentro do conteúdo existia Cross Country, corrida no campo, e eu falei “por que não Cross Cerrado?”, porque nós vivemos no Cerrado, aqui não é campo, e criei falando “vamos fazer um evento”, organizando dentro da disciplina com os próprios alunos, e faziam uma volta aqui, lá embaixo, depois subiam e chegavam na parte aqui em frente à faculdade, ao prédio. Fomos criando o hábito, fomos crescendo, os eventos... Na Prática Desportiva, cumpriu assim: os alunos que faltavam e iriam ser reprovados de toda a universidade – os alunos que não completassem o número de aulas seriam reprovados –, então a gente fazia esses eventos, o Cross Cerrado, e ele repunha vários dias, que foram dois, dependendo de cada professor. Ficou crescendo, foi evoluindo, e passamos a ter uma participação, mais posteriormente, já no Decanato de Assuntos Comunitários com a professora Lucila, que na época de aluna participou, foi continuado e proposto para a comunidade, aí então já com os alunos e o pessoal da comunidade, e foi crescendo esse interesse pela corrida. O percurso que nós fizemos aqui passou por várias mudanças – era pequeno e depois ampliou – e hoje nós estamos em um local bem prazeroso, corre entre trilhas no Cerrado, bem próprio do Cerrado, e foi isso que... Participações até de 200 pessoas e acho que foi um... No início, a gente tinha muita dificuldade, até o professor Sílcio Barbosa de Oliveira também me apoiou nesse evento, naqueles primeiros que foram interessantes... Tinha uma volta da universidade, mas essa nós não demos prosseguimento por questões mais administrativas. No primeiro que nós fizemos, não estabelecemos data de inscrição e, de repente, apareceu um batalhão do Exército com um grupo de corredores, soldados e

desorganizou todo o nosso trabalho. Então isso a gente deixou, mas o cross não, o cross a gente começou fazendo pequeno, e foi crescendo, e os alunos, no sentido de ter esse Cross Country, corrida no campo, e hoje nós temos uma imensidade enorme de ofertas de corridas de ruas, de trilhas, e isso é magnífico. No começo, eu corria na rua, a gente era do interior, recebia chacetos de todo mundo. Hoje é o contrário, é uma quantidade... É fantástico, é muito bom.

A.L.G.R.: Qual seria a mensagem que você gostaria de deixar para os seus colegas de profissão, para os estudantes, para a juventude?

O.R.: O importante é que você vivencie o máximo a sua... Eu senti na minha vida que tudo aquilo que eu tinha experimentado de treinamento, de aulas e de observações, coisas que não tinham às vezes muita ligação com aquilo que... Mas eu poderia encaixar. Então, a gente tem que estar atento, às vezes até um filme, passava filmes para o pessoal, para os alunos, que tem uma mensagem de coragem, de desempenho, de ânimo, de vigor, raça, estratégias e tudo a gente tem desenvolvido, então você tem que buscar não só no... Mas a teoria junto com a prática e dos dois se faz o crescimento. Então, o que vivi... “Tem um novo método de treinamento”, a gente aplicava e aí você vê o resultado ou omitindo o resultado, experimentando, tudo isso. Eu acho que a gente tem que estar sempre alerta, sempre disposto a receber todas as informações, mesmo que às vezes você ache que elas não são pertinentes, mas tem algum conteúdo, alguma coisa boa que você tem que fazer. Todos têm os seus bons e maus defeitos, então você tem que saber trabalhar com eles e com as pessoas, com o seu aluno, e não departamental ou preconceitos, isso tudo... A Educação Física, eu acho que a gente tem esse privilégio de não ver diferenças entre cor, sexo, partido político. Sim, a gente trabalha para o bem em geral, isso eu acho que a gente tem que procurar sempre melhorar, sempre coisas novas, sempre... Quando menos, aparece um novo instrumento, uma nova forma. Nós tínhamos aqui os primeiros computadores, tínhamos que programar, programação... Aliás, até no meu trabalho de dissertação de mestrado tinha que perfurar os cartões e colocar na máquina, fazer um... Hoje, você tem uma qualidade de vida muito mais... Computadores com tecnologias fantásticas. Naquela época, a gente tinha que ter o *slide*, às vezes filmes que a gente buscava e que não eram, não davam aquela informação que a gente buscava sempre.

A.L.G.R.: Riehl, eu queria agradecer a entrevista e essa oportunidade, que para mim é inusitada, de poder estar sentado junto com você, que eu sei que foi um dos pioneiros da Faculdade de Educação Física, mas também foi meu professor, responsável pelo despertar da minha vocação, e depois pudemos conviver também como colegas dentro da faculdade, o respeito, o carinho, o relacionamento... Quando você foi contando das suas experiências, eu sou testemunha viva de tudo isso que você disse e realmente reconheço, em você e na sua trajetória, essa atitude amiga, respeitosa, que te caracteriza. É um privilégio para mim poder estar aqui com você, *muito obrigado!*

Atividade de extensão – Ginástica Olímpica: Centro Olímpico (CO). Quadra de esportes coberta. Alunas em atividade de extensão com arcos. Ao fundo, tabela de basquete, trave de gol, técnico físico sentado observando as alunas.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00036-03>.

3. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti (M.R.J.C.C.)

Entrevistador: Luiz César dos Santos (L.C.S.)

L.C.S.: Eu sou o professor Luiz César, é um prazer estar aqui nesse encontro relacionado à memória e história da Faculdade de Educação Física. Tenho uma grande honra de poder hoje estar participando desse evento e apresentando uma professora que foi muito significativa na minha formação. Ela passou no primeiro concurso realizado na Universidade de Brasília, foi a primeira mulher aprovada para o curso de Educação Física, é uma bailarina, e a gente vai conversar sobre o início da Faculdade de Educação Física, as curiosidades, as dificuldades, um pouquinho de boas memórias e boas lembranças. A professora é a primeira professora mulher concursada da faculdade, trabalhou muito tempo com a dança, folclore, ritmo e trabalhou nas atividades que a gente gosta muito de lembrar, não dá para esquecer, que é do JUBs, nossos treinamentos. Eu tenho a honra, e é para ser gravado, de deixar aqui registrado que ainda tem um pedacinho da memória dela – eu trouxe aqui comigo para vocês, não sei se vou atrapalhar. Isso aqui é para mostrar o prazer que a gente tinha, ela vai contar sobre isso, essa camisa é da época que a gente fazia treinamento para o desfile dos jogos universitários. Ela vai talvez até mostrar uma realidade da faculdade bem diferente do que a gente encontra hoje e que é importante registrar essa história. Ela é

a professora Maria Rute, que está aqui com a gente hoje para conversar sobre a história da Faculdade de Educação Física. Iniciaremos com uma apresentação pessoal sua e, nesse momento, a gente gostaria de saber sobre a sua trajetória pessoal e profissional.

M.R.J.C.C.: A minha trajetória foi... Eu precisava... Eu tinha chegado de Londres, eu tinha me formado no Balé – desde pequenininha, desde os cinco anos de idade eu comecei balé com Vaslav Veltcheck. Depois, eu fiz concurso para a Escola de Danças Clássicas Maria Olenewa, do Teatro Municipal, passei, cursei, preferi cursar até o final para ter o diploma de professora, de didática em dança e bailarina profissional, e, quando entrei para o corpo de baile, era estagiária, vieram ao Brasil Margot Fonteyn e Nureyev, do *Royal Ballet*. Eles eram os primeiros bailarinos mundiais, e um fato muito grande é que eu estava na coxia, em um *grand écart* para não esfriar, comendo uma maçã, Margot Fonteyn passava a variação dela do Ballet Giselle, o qual nós dançamos com ela, e, do meu lado sentada em uma cadeira, a vida é muito engraçada, tinha uma mulher belíssima, uma loira linda que acompanhava, e como eu fui educada, eu ofereci a maçã para ela. Eu comecei uma amizade com a filha do embaixador inglês, a Georgiana Russell, o embaixador é o Sr. Russell, e aí a amizade foi, ela marcou uma audiência na embaixada, na rua São Clemente no Rio de Janeiro, um chão de mármore e eu de sapatilha de ponta. Sabe o que me segurou? Eu levava comigo um saquinho com sabão em pó em flocos OMO, então eu joguei no chão e assim eu pude fazer minha audiência e consegui a minha bolsa para estudar, ser *maître* em dança. O *maître* quer dizer *master*, porque no Brasil não existia faculdade superior de dança. Ao voltar para o Brasil, a Consuelo Rios, que foi minha professora de dança da Escola de Dança e professora de Educação Física no Colégio Pedro II, eu chorava, porque o Conselho Federal de Educação não me aceitava, ela falou: “Maria Rute, só existe uma coisa: Faculdade de Educação Física.” Foi o que eu fiz. Fui pioneira do Fundão. Como sempre, pioneira em tudo. Fiz o curso de Educação Física. Depois de três anos parada de estudar, lá fui eu fazer vestibular, porque eu tinha feito o clássico e ali era científico, tinham disciplinas que eu não tinha cursado, porque eu só tinha cursado línguas, filosofia e tal. Fiz, passei, fiz meu curso. Quando eu estava no final do curso, já quase me diplomando no final do ano, eu fui fazer um curso de atualização no Forte São João, no qual – eu não sabia – estava o Coronel Bettero, que era o diretor aqui do Centro Olímpico, e ele estava correndo pelas faculdades, porque ele queria professores de Educação Física sem vínculo, que ele pudesse tirar do Rio, de São Paulo, que não tivessem família, para virem aqui construir a Educação Física de Brasília, porque não existia Educação Física em Brasília. Paralelamente ao curso, nesse dia, estava tendo um churrasco de confraternização do Exército, e saindo da aula de Vôlei para a Ginástica Olímpica, me vem o Sargento Lima, bêbado que nem um gambá, me ofereceu um emprego na Universidade de Brasília e eu falei: “sai para lá”. O homem fedendo a cachaça me oferecer emprego, eu não dei conversa. Estava eu na praia, em uma colônia de férias, vem o Sérgio, um colega meu: “Maria Rute, não sei o que, porque o coronel...”. Eu falei: “que história é essa de coronel?”. Porque essa colônia de férias era do Forte São João, apesar de ser no Arpoador, era do Forte São João da Urca, e ele:

“porque o Coronel Bettero quer falar com você”. Eu tive que ir em casa, tirar o maiô, ir correndo – o Sérgio me acompanhando, porque ele tinha carro, eu não tinha carro, andava de ônibus. Chegando lá, eu levei uma bronca desse Coronel Bettero: “como que você não deu importância ao Sargento Lima? Eu te oferecendo emprego... “. Eu fiquei horrorizada com esse coronel falar assim comigo, eu nunca tinha visto na minha vida. Falei assim: “o senhor vai me desculpar, coronel, mas eu não conhecia o sargento e ele chegou para mim fedendo a cachaça. Como é que eu vou acreditar em uma oferta de emprego com o homem caindo aos pedaços?”. Assim eu vim conhecer Brasília com a minha mãe. Chegando aqui, o emprego era para orientador desportivo. Aí eu me formei, eu aceitei, porque Brasília – eu me deslumbrei –, eu tinha vindo aqui com o corpo de baile dançar para Indira Gandhi, no salão de espelhos negros aqui no Itamaraty. O mais interessante é que eu cheguei no Teatro Nacional olhei e falei: “nossa, esse seria o pior lugar que eu iria morar.” Só via aquela terra vermelha. A Rosália Verlangiere, que também era bailarina: “Rute, eu também não viria”. Ela veio antes de mim e eu vim em seguida. Eu aqui chegando, já formada em Educação Física, eu só tinha o diploma de graduação e o meu de bailarina, de *maître*. Aqui eu cheguei e aqui eu comecei a minha profissão de Educação Física, porque estágio de Educação Física da faculdade eu dei aula na Rocinha, eu dei aula em Petrópolis... Antes da Educação Física, com 14 anos, que foi a idade que eu me formei no Balé, eu era professora de Balé Clássico de *baby class*, de *primary*, das criancinhas. Ana Botafogo começou comigo, era pequenininha, com 5 anos, na Leda Iuqui, foi minha aluna, com as perninhas tortinhas, ela tinha um problema nas pernas, e outras tantas passaram. Enfim, foi assim que eu comecei e foi assim que eu cheguei na UnB. Eu e o professor Alexandre Camacho, que foi da minha turma, estudamos juntos, fomos pioneiros do Fundão.

L.C.S.: Estando na FEF, que cargos e funções que você incorporou nesse trabalho?

M.R.J.C.C.: Eu cheguei aqui para ser orientadora desportiva. Todos nós éramos orientadores desportivos, trabalhávamos aqui no Centro Olímpico, aqui era a sede. Então, nós viemos para cumprir uma lei recém-formulada que era a obrigatoriedade da Prática Desportiva em todos os cursos nas universidades. Entre esses cursos, estava o da Educação Física. Até então, como orientador desportivo, nós não poderíamos dar aula para o curso de Educação Física, daí houve a necessidade de um concurso, que foi o primeiro concurso de âmbito nacional da Universidade de Brasília para professor da UnB, porque todos os professores entravam só com currículo, mas prova, uma prova escrita, uma prova oral, uma prova prática e uma entrevista, foi o primeiro concurso, foi o nosso, fomos pioneiros na UnB e teve... Eram só sete vagas, a princípio sete vagas para professores, então os sete primeiros colocados iriam receber os alunos de Educação Física, que eram ligados à Faculdade... Nós éramos um departamento da Faculdade das Ciências da Saúde, então esse concurso foi em novembro de 1973. Em 1974, começaram a chegar os alunos que já deveriam estar, porque aí é cada aluno, e eram pouquíssimos. Eu me lembro de menina, umas quatro ou cinco meninas: Antonieta, Conceição, Graça... Eram pouquíssimas, porque a Educação Física... Ainda mais aqui em Brasília, não existia, não sabiam nem o que era

corrida. A cidade era novinha em folha, não se sabia nada, era só barro e aquela coisa toda. Essas meninas chegaram, assim como os rapazes – eram turmas masculinas e femininas –, mas eles demoravam a chegar, porque eles vinham... A UnB tinha para todos os cursos um básico da área de humanas e área das exatas. A nossa área tinha Física, Química, Cálculo, Biologia e Ginástica I. Então, os alunos tinham que passar por essas disciplinas para chegar na Ginástica I, que fazia parte do básico. Agora, para eles chegarem na GI, os alunos tinham a maior dificuldade em Química, Física, porque, assim como a gente era professor, tinha a figura do orientador. O professor monitorava esse aluno para ele escolher as disciplinas, ele não podia repetir a disciplina. Ele era reprovado em Física uma vez, duas vezes consecutivas, a terceira vez tchau e bênção e saía da UnB, era o jubramento. Isso existia... Dessa dificuldade de os alunos chegarem até nós, porque reprovava, reprovava, reprovava... Até chegar... Então, tinha o Paulo, tinha o Testa, do karatê, muitos demoraram a chegar. Aí, vieram para nós e começou, e eu fiz o concurso, passei em primeiro lugar e fui contratada como professora colaboradora – tinha essa figura do professor colaborador. Depois de alguns anos, ficou dividida a turma. Ficou aqui a turma dos professores colaboradores, e os orientadores, e ficou uma situação muito desagradável, porque nós que passamos no concurso sentimos falta dos nossos colegas que, quando nós chegamos aqui, eles estavam. Ao mesmo tempo, esses colegas também eram professores da Fundação, e existia a figura também da dedicação exclusiva. Você tinha que optar: ou trabalhava na UnB ou continuava na Fundação. Então, nós voltamos juntos ao Bettero, o Bettero lutou lá em cima, veio chegando aluno e nós precisávamos de mais colegas e conseguimos trazê-los para nós e eles deixaram, eles optaram em continuar conosco e abandonaram a Fundação. Assim, começamos a nossa vida de professores, colaboradores, dedicação exclusiva no Departamento de Educação Física, que era ligado à Faculdade de Ciências da Saúde. Meu primeiro cargo foi de professora de Ginástica I e mais Prática Desportiva. Conforme foi aumentando a coisa, eu passei para Rítmica I, além da Ginástica I e da Prática Desportiva... Detalhe: fui contratada como professora de Dança, até agora você não viu dança. Então, Ginástica I, Rítmica I, Ginástica Olímpica, Ginástica Feminina Moderna, que agora chama Rítmica – bola, fita, depois passou GRD, nunca vi mudar tanto o nome, enfim, a bola, fita, arco... Olha só, já quatro mais a Prática Desportiva. Isso às vezes substituindo colegas em Futebol, por aí vai, Vôlei, Basquete, Circuito... Então, na parte didática, eu exerci tudo quanto era a função, tudo quanto era disciplina que eu poderia exercer, e a Prática Desportiva era diferenciada, ela era em blocos, os alunos vinham em blocos. Então, a primeira Prática Desportiva nossa passava um mês no Basquete, um mês no Voleibol, um mês na Natação e um mês no Atletismo – quatro meses, terminou semestre. Era um rodízio que se fazia, as turmas faziam um rodízio. A minha área era atletismo – eu, Osmar Riehl e Cantarino –; Balthazar no Basquete; William, Solange e Fernando, tinha o Fernando que era professor de Natação, mas Fernando, por motivos pessoais, voltou para o Rio de Janeiro, perdemos um excelente... Vocês não imaginam o professor que nós perdemos, mas William substituiu muito bem. A parte administrativa, nós trabalhávamos

com... Eu sentia falta da dança. Eu nunca peguei cargo de chefia, assim de pegar e ser chefe. Eu era substituta. Eu peguei vice-chefia e peguei como substituta. O chefe viajava, ninguém podia nas férias, geralmente dezembro, férias, e eu substituía, mas nada que eu pudesse tomar frente de alguma, ter feito alguma coisa como chefe, mesmo porque era período de férias, então não tinha nada para ser feito. Mas eu sentia falta da dança e eu resolvi criar junto, porque nós tínhamos aqui na UnB, existia um regimento interno. Assim que eu entrei, eu recebi uns blocos de regimento interno. Na parte do regimento, eu me identifiquei com atividades comunitárias e com atividades de extensão, então as atividades de extensão eu coordenei, eu passei a coordenar muitos cursos de extensão na UnB e da UnB para a Fundação, aquele Elefante Branco e por aí vai. Na comunitária, eu criei um grupo experimental de dança da UnB, que era aberto para alunos de qualquer área da UnB, funcionários e professores. Ele funcionava no horário do almoço. Vocês vejam que eu não ia para casa, eu almoçava aqui no CO, tinha um barraquinho bem ali, eu conheci a tal da... Adorava. O rapaz fazia uma limonada suíça e eu comia misto-quente, esse era meu almoço. Então, eu ia dar minhas aulas de dança em uma sala chamada 114, dura que nem esse piso aqui. Isso ocasionou... Hoje eu estou sofrendo com isso, com problemas incríveis de coluna, que eu sempre batalhei aqui, essa foi uma batalha de um piso adequado para as aulas de ginástica, de dança. Um piso flutuante que ele ceda para não prejudicar joelho, coluna dos alunos e principalmente os meus. Aí nada. Então, eu criei o grupo, e o grupo funcionava na sala 114. Eu tive alguns alunos daqui, pouquíssimos, da Educação Física não tinha muito interesse, essa foi minha decepção, porque tinha aquele preconceito de quem fizesse dança e eu perdi grandes meninos. Só um, o Raimundo, que era do Maranhão que agora está na Broadway. Ele começou a dança comigo, olha como abrem as portas, e daqui de formado ele foi para os Estados Unidos e é bailarino e professor na Broadway. O Marcelo não é aluno daqui, ele era aluno do Desenho, que hoje é Instituto de Artes, e ele começou dança comigo. Quando ele se formou, continuou no GEDUnB e foi contratado para um teatro português. Ele está em Lisboa, eu acho, não tive mais contato com ele. Ele é bailarino clássico, pasmem.

L.C.S.: Você deve ter enfrentado diversos desafios e problemas nessa trajetória profissional. Conte-nos sobre eles.

M.R.J.C.C.: Das dificuldades eram muitas, porque eu gravava filme, eu filmava, eu gravava as aulas, eu gravava as músicas das minhas aulas, se eu fosse dar uma palestra ou convidava alguém para uma palestra na minha aula, eu gravava, porque o pessoal de apoio veio muito depois, então eu gravava tudo isso. Com o meu grupo de dança, eu era coreógrafa, cenógrafa, figurinista, costureira, tudo que possa imaginar. Nas aulas, para você ter ideia, a Ginástica Olímpica, os colchões de crina, a trave, que deve ter até hoje, a paralela, o cavalo com arção foi Paulo Corbucci e Carlos Corbucci, que eram crianças, treinavam e gostavam, e os pais compraram, e eles treinavam na 114. Quando eles foram proibidos de treinar, não sei, veio uma ordem lá de cima, o pai e os meninos doaram para o Departamento de Educação Física os colchões, esse material que eles treinavam e, assim, nós tivemos,

vocês tiveram algum material. Eu procurava dar minhas aulas de Ginástica, não sei se você se lembra, principalmente Ginástica Natural, ao ar livre, que eram as atividades de trepar, lançar, correr, saltar, nadar... Eu utilizava as árvores, eu utilizava tudo, porque eu não tinha material. Quando eu os preparava para dar aula de Rítmica, não sei se você se lembra, que eu pegava jornal, eu dividia o jornal para dividir as notas, então meu material basicamente de aula era de sucata, e nós construíamos os instrumentos de Rítmica para trabalhar com as crianças com o material de sucata. Então, nunca se tinha o material. Eu vim conseguir instrumento musical para o Departamento de Educação Física quando meu grupo de dança foi convidado para dançar no exterior, e eu convidei o Renato Matos, não me lembro o nome do menino que era um grande musicista, eu pegava os alunos da música, eu tinha muita ligação. O Jorge Antunes me ajudou muito nisso e, junto ao reitor, eu consegui dinheiro para ir na loja e comprar atabaque... Trouxe da África também instrumentos. Eu troquei, o Renato Matos, nós trocamos alguns materiais e trouxemos para o Departamento de Educação Física os instrumentos musicais que eu não sei o que foi feito deles. Os instrumentos caríssimos, e eu trouxe esses instrumentos musicais para aula de formação, que até eu me aposentar, mudou de nome e passou para a Formação Rítmica do Movimento. Então era isso, eu tive muita dificuldade e a maior de todas era uma sala para que eu pudesse dar minhas aulas com o chão adequado, com acústica adequada. Como o Miura deixou de dar aula de Judô, e esse tatame que tinha aqui não tinha mais serventia, Osmar e eu, que sempre ouviu minhas lamúrias, que entrou comigo aqui, no mesmo dia assinamos contrato, ele via o meu esforço, ele era o colega, ele e Cantarino foram os únicos colegas que sempre assistiam aos espetáculos de dança do GDUnB, sempre estavam presentes e sabiam das minhas dificuldades. Aí, o Osmar Riehl pegou esse espaço e construiu uma sala de dança para mim. Eu fico até emocionada, porque foi o Riehl que olhou com muito carinho por mim e pelos alunos. Foi o único professor que olhou a ginástica e a dança... Vocês me desculpem, porque como dançarina eu sou muito emotiva. Que viu essa necessidade com muito carinho e construiu a sala de dança. Eu trouxe um quadro meu, um pôster de um metro por um metro, que o Leão Rosemberg, da família Rosemberg desses cineastas, tirou uma foto minha como bailarina, eu saía desse quadro. Eu tinha uma pose que parecia que eu estava saindo do quadro em preto e branco e eu dependurei esse quadro aqui. Quando eu me aposentei, eu esqueci de levá-lo, porque eu me inspirava nele para criar para os alunos e tudo, o meu esforço, para me lembrar. Um dia eu vim buscar o quadro, porque a Soninha, que era uma funcionária, falou assim: “Maria Rute, venha buscar, porque ele está jogado aqui em um canto.” Daí eu levei e ninguém nunca soube. Eu peguei, eu vim, a Sônia me entregou, eu botei no (inint) [00:27:03]. Reformei, porque ele estava totalmente destruído, era um quadro lindo, era enorme e era uma lembrança de uma família, de uma aluna lá em Salvador, que eu criei a Escola Ebateca de Dança. Quando eu vim de Londres, eu tive que implantar o Método Royal e me jogaram na Bahia, no antro do afro, e ali eu tive que montar uma escola clássica no áfrico de balé. Foi uma briga danada, essa foi outra aventura na minha vida, e hoje é o balé da Bahia, africano. Graças a Deus, com as

raízes baianas. Nada de sapatilha de ponta. Tem um balé que é mundialmente conhecido e ali tem um dedinho meu e eu fico muito orgulhosa disso. Então, essa aluna, a Lilian, que foi minha aluninha lá, era pequena, todos eles morreram no desastre em uma Kombi que vinha da Feira de Santana. Então, é um quadro que tem uma memória e é de um artista, de um fotógrafo da família Rosenberg, que era do cinema brasileiro. Então, esse quadro, para mim, tem uma história muito forte e estava jogado. Essa luta. Sabe quantos anos eu usei essa sala? Três anos. Me aposentei. Lutei aqui para ter um espaço para dar minha aula, essa foi minha luta maior. Com o Decanato de Assuntos Comunitários eu consegui toda SG10, que era um espetáculo. Tinham três salas de dança na SG10 – todas equipadas de dança – que poderia ser do Departamento de Educação Física. Eu não me lembro quem era... Todos que eram diretores aqui sabiam dessa SG10. Eu dava aula meio dia lá, porque, como eu não consegui aqui um chão, eu consegui lá na Arquitetura. A SG10 é uma sala que a Arquitetura doou para o Decanato de Assuntos Comunitários para que eu pudesse desenvolver o GDUUnB. Ali, o GDUUnB cresceu e foi conhecido internacionalmente. Ele foi para a Suíça, para a França, participava de festivais de Ouro Preto... Eu tinha minha sala, eu tinha todo o equipamento. Quando eu fui me aposentar, eu virei e falei, não me lembro quem era chefia, não sei se era o Jake, eu não posso acusar: “por favor, aquela sala SG10 é da Educação Física. Aquilo lá é meu espaço. Peguem, porque o Desenho – que é hoje Instituto de Artes, não era o Instituto de Artes, ia ser, já estava em vias de ser – vai pegar, eles estão de olho, aquilo é nosso, foi doado pelo decanato e pela Arquitetura.” Você se preocupou em pegar? Vocês perderam três salas supermontadas. Quem ganhou? O Instituto de Artes. Lamentavelmente, tiveram lutas e glórias, eu pensei muito, e foram decepções, porque você vê... Diziam assim: “o que que dança está fazendo no currículo de Educação Física?” Eu escutei aluno formado, eu nadando e o aluno, que foi meu técnico, dizer assim: “professora, eu não entendi até hoje formação rítmica do movimento na Educação Física?” Eu virei, olhei para ele e falei: “lamentável, porque eu não entendo como é que você, que era um aluno mediano, conseguiu se formar em Educação Física sem compreender o porquê. A vida é ritmo, é movimento. Se você não entende o porquê que a Educação Física não tem ritmo, pega seu diploma e joga no lago.” Então, foram essas coisas que eu não consegui, e olha que eu batalhava na FS, porque eu era conselheira no Conselho Departamental da FS. Eu brigava por essas coisas, brigava muito pela Educação Física, passei 15 anos lá suando a camisa, mas, graças a Deus, eu estou vendo que está dando frutos, pelo menos virou faculdade. Consegui fazer com que eles entendessem... Porque você tem que fazer a cabeça deles. Era um conselho que tinha tudo quanto era médico que só via: “o que vocês estão fazendo aqui? Vocês são os apêndices. Educação Física?” Eu me lembro que eu e Cantarino falávamos assim: “pois é, vocês lidam com a doença nós lidamos com a saúde, é diferente, nós somos prevenção.”

L.C.S.: Pensando nos primeiros currículos da Educação Física dentro do departamento, que mudanças significativas você recorda que houve ao longo dos currículos, desde o início do curso até a sua saída?

M.R.J.C.C.: Vamos por partes. O curso de Educação Física, depois que essa turma chegou do básico, nós começamos a trabalhar em cima da especificidade do curso de Educação Física, porque essas primeiras turmas que chegaram para nós não passaram para o vestibular específico. Depois que o departamento começou a se consolidar, a chegar mais alunos, nós começamos a pensar no vestibular. Além do vestibular de ingresso aqui, antes dele fazer a prova do vestibular, ele passava pelo vestibular específico. Se ele passasse no vestibular específico, aí ele faria o vestibular. Então, esse vestibular específico constava do teste de Cooper – antes do Teste de Cooper, o exame clínico –, nós tínhamos os médicos aqui, eles faziam o exame, aquela medição. Não era o que a Keila, que foi nossa aluna, faz com a disciplina dela, mas era uma coisa basicamente assim: o espirômetro, peso, altura, pressão, coração. “Está ótimo e vai para... Não tem nenhuma doença de pele, nenhuma doença grave, então agora você vai para o exame.” O exame específico era um Teste de Cooper. Passou no Teste de Cooper, você vai para habilidades motoras. Então, eram estações, eram circuitos com estações que verificavam... Era muito subjetiva a coisa, as habilidades motoras, mas a gente filtrava muita coisa. Depois de alguns anos, isso foi cortado, porque veio, por incrível que pareça, agora vem com esse negócio de... Como é? Naquela época, nós já estávamos pensando em permitir que pessoas com deficiências fizessem o curso de Educação. Nós tivemos aqui alunos com problemas, e se formaram, excelentes alunos e se formaram, não sei depois se isso vocês tiveram notícias. Aí, terminou-se com essa obrigatoriedade do vestibular, porque mudou o currículo de Educação Física, era outra visão. Quanto à Prática Desportiva, ela era obrigatória por lei, o aluno no terceiro grau tinha obrigatoriedade, quando aqui chegasse, no básico a Prática Desportiva I era obrigatória. Passou do básico, a Prática Desportiva II era obrigatória. Somente a Prática Desportiva III não era obrigatória. Nós pensávamos nós trabalharmos de uma forma de conscientização desse aluno a dar continuidade, que fizesse a Prática Desportiva III espontaneamente, por sua vontade... E não é que nós conseguimos? Cheias as turmas. Eu acho que aí também começou o mundo em geral, esse *boom* de atividade física, culto ao corpo, que está exagerado agora, está tudo muito exagerado, mas começou o movimento. Então, a Prática Desportiva basicamente... Nós trabalhávamos... Eu não me lembro a carga horária, mas quando se fazia... Começamos no departamento a criar a figura do professor coordenador do curso de Educação Física e o coordenador de Práticas Desportivas, e os dois se juntavam e viam a carga horária do professor, porque nós tínhamos que trabalhar 40 horas semanais, e não poderíamos extrapolar, isso de aula dada, tinha pesquisa, tinha atividade de extensão, comunitária, que nós tínhamos que dar conta. Então, tudo isso precisava de uma coordenação do curso, e criou-se, porque criou-se a coordenação e a coordenação de repente veio para cá, aqui ficou Prática Desportiva no CO, Coordenação de Educação Física no prédio lá, que era um esqueleto quando eu cheguei aqui. Não me lembro se o Márcio era o arquiteto, que era daqui, era professor da UnB, que construiu tudo isso, e ele era muito simpático, ele vinha aqui para ouvir de nós como que ele ia construir aquilo lá, então nós aqui passamos... Não tínhamos muito o que

fazer, porque o prédio era pequeno. Queríamos uma coisa... Construiu-se a primeira pista de atletismo, a maior pista de atletismo da América Latina de tartan. Sumiu por falta de verba de manutenção. Nós tínhamos a de cascalho... Gente, a inauguração foi bárbara, chaveirinhos... Nós plantamos as árvores de Pau-Brasil. “É Pau-Brasil, gente, que está plantado ali. Acorda, tem Pau-Brasil aqui no CO.” Então plantamos, nós sempre, no dia da árvore, nós plantávamos árvores. Em tudo isso aqui, nós plantamos. Não tinha quase nada, não tinha. Cada professor, dentro da sua disciplina, contribuiu para o Basquete, para a Natação, para o Vôlei, a duras penas, para fazer o curso e o curso precisava de espaço. Como a gente ia dar aula? Foi assim que foi surgindo, aos trancos e barrancos, nós trabalhávamos, nós não tínhamos vigilante para que nada fosse roubado, fazíamos rodízio, sábado e domingo nós éramos os vigilantes. Eu deixava a minha família para tomar conta disso aqui. Eu vigiava quem entrava, não podia usar certas coisas, a gente não deixava usar o nosso material, porque senão sumia, roubavam. Nós não tínhamos vigilantes assim que chegamos, então nós tomávamos conta, já pensou o suor que foi? Então, tudo isso que está aqui sendo usufruído... Nós usamos camisa rasgada, suada, machucados, nós vínhamos trabalhar de domingo a domingo, não tinha hora. Trabalhávamos de manhã, de tarde, de noite, de madrugada e não brigávamos por questões salariais, porque assinamos um contrato por 40 horas. Nós brigávamos pelo espaço, pelo amor, pela coragem, por dedicação, por vocação à Educação Física, por patriotismo, pelo país, por melhorar a nossa posição, o nosso ranking nas Olimpíadas, no esporte e na educação de base.

L.C.S.: Que sentimentos você tem dessa sua trajetória profissional?

M.R.J.C.C.: Antigamente, a coisa era tão unida, nós cantávamos em um tom só, em um couro só. Nós tínhamos não só o grupo de professores, que era unido... Tinham as divergências, briga sempre se tem, mas como se fôssemos uma grande família, tem briga, não tem? Então tinha também. Os funcionários, Nossa Senhora, tinha funcionário que eu, Solange, Maria Helena Siqueira, que era uma professora, a gente saía – os carros eram estacionados aqui –, toda vez que a gente ia embora para casa ele catava, eu não sei onde esse homem achava cada flor mais linda do Cerrado, fazia um buquê, o Sebastião, e colocava no para-brisa do carro de cada professora mulher: eu, Maria José, Laura, Maria Helena Siqueira, Solange – eram as mulheres dessa época. Saíamos e tinha a florzinha. Não tinha um dia... Olha que bacana, um funcionário que cuidava do mato. Aqui não tinha mato, era um jardim cuidado pelo Sebastião e pelo o Sebastiãozinho, que morreu já. Tanto é que no Natal tinham as festas, a gente chamava lá no barracão professores alunos e funcionários, era aquele churrasco, vestia de Papai Noel, era muito gostoso. Toca do Raposo, Raposo era um funcionário, por aí vocês veem. Tinha o Aloísio, Anísio, que cuidava das... Eram perfeitas essas piscinas cuidadas pelo Anísio, não davam problema nenhum. Cada um, dentro daquilo que fazia, amava o que fazia, e os alunos, gente, eu tinha aluna minha... Eu não admitia atraso. Se a minha aula era às 8h da manhã, 8h eu começava a aula. Agora, no primeiro dia de aula, você vai lembrar que, no primeiro dia de aula, eu sentava com todo mundo e me apresentava. Dizia como eu era, quem eu era e o que eu esperava de vocês,

e colocava que: “você quer mudar alguma coisa? É o momento”. Ninguém falava nada, então se o horário de começar é às 8h, às 8h eu começava. “Eu tenho um problema, porque eu isso, eu aquilo.” Eu também tenho, todo mundo tem problema, mas eu estava aqui cedo, tenho família, tenho uma filha pequena... Oito horas começando. A minha aula sempre era a primeira, 8h da manhã, 2h da tarde. Então, eu tinha uma aluna que vinha de bicicleta de Taguatinga – eu não me lembro nome dela, estou velha mesmo –, ela vinha de bicicleta, gente, pela EPIA, chegava antes de mim, 10 min para as 8h ela estava aqui, acredite se quiser, nunca faltou uma aula, com o maior interesse. Eu tinha alunos que dormiam na sala de aula, que trabalhavam no aeroporto, e eu falava: “não durma”. Aí eu usava “pausicologia” moderna. Pegava chinelo havaiana, jogava e falava: “acorda”. “Isso não é politicamente correto”, diriam hoje. Eu estaria com processo nas costas. Por quê? Porque os alunos tinham comprometimento com uma universidade “gratuita”, entre aspas, que todos nós pagamos através de impostos, então eles têm responsabilidade, o aluno, não é com política, é consigo mesmo e com a sua família, orgulhar os seus pais. Então, era essa a mentalidade, o aluno queria ser orgulho da família, e esse sacrifício todo orgulho do Departamento de Educação Física.

L.C.S.: Qual a mensagem e qual a palavra, a ideia que você gostaria de deixar para os alunos, os profissionais ou professor de Educação Física nesse momento?

M.R.J.C.C.: O que eu posso deixar aqui são minhas lembranças, as lembranças das primeiras colônias de férias feitas aqui, as lembranças das arbitragens com os alunos aí por fora, as lembranças dos alunos, aquela sementinha que eu estava aguando, aguando, vendo aqueles alunos trocando ideias e crescendo, aqueles alunos, como esse aqui, que participavam, Nossa Senhora, daquele desfile dos jogos universitários brasileiros, de Brasília – primeiro Brasília, FAUnB –, essas federações. Esses alunos, aqueles momentos agradáveis de felicidade, que nós fomos eu não sei quantas vezes campeões dos desfiles, temos os troféus, mas todo desfile era UnB, “lá vem UnB”, mas nós éramos os campeões mesmo, não tinha para ninguém. A UnB foi a pioneira em Educação Física. A Educação Física foi acarinhada por nós professores. Da Educação Física foram saindo grandes profissionais, os primeiros triatletas nasceram aqui, e por aí vai. Se eu for lembrar... Os momentos mais agradáveis com meu grupo experimental de dança, momentos muito felizes aqui. As 24h nadando da Ana Maria René depois... Aquele iníciozinho... O churrasquinho de fim de semana... Nós éramos muito unidos, éramos uma família. O EDF – como era chamado o Departamento de Educação Física – era a criança, era a nossa casa e era muito amado, muito protegido por todos nós. Nós suávamos, nós lutávamos de domingo a domingo, por amor, por respeito, principalmente por ser uma universidade pública que as pessoas pagam através de seus impostos caríssimos nesse país na formação de profissionais de todas as áreas. Especificamente a nossa, nós queríamos que saísse o melhor daqui extramuros UnB para trabalhar com o futuro do país, com as crianças. Hoje, cadê? Onde é que estão esses profissionais? Cadê a Educação Física nas escolas? Querem dar aula com material, com o espaço físico? Não. Utilizem a criatividade... “Eu não trabalho com material de sucata”.

Faça valer, se dê ao respeito e faça, sempre faça. Procure um jeito de se sobrepor às dificuldades, não é na primeira pedra, na primeira dificuldade que você vai dar um pontapé na profissão. Não, arrume um jeito de transpor essa pedra e com galhardia. Bater no peito e dizer: “venci. Viva a Educação Física da UnB.” Sempre. Respeitando a si próprio. Eu acho que o professor, agora falando assim, acho que o professor de Educação Física da UnB está um pouco – um pouco não, vou ser franca – está totalmente diferenciado da minha época, está esquecendo de se fazer respeitar como profissional, respeitar o futuro profissional, tratar o aluno com mais respeito que ali tem um ser humano que pode te ajudar futuramente e muito, que pode aumentar, vamos dizer assim, elevar o nome do nosso país, então pensar nesse aluno, ser patriota acima de tudo... Eu duvido que um professor de Educação Física aqui saiba o Hino da Bandeira, o Hino Nacional, o Hino da Pátria. “Nós somos a pátria amada, feliz soldados por ela amados.” O Hino do Exército. “Pendão da esperança, salve, símbolo Augusto da Paz, tua nobre presença à lembrança, a grandeza da pátria”. Qual é a grandeza da Pátria? Os alunos, as crianças, nós somos a grandeza, sem a qual nós nunca vamos ser um país com letras maiúsculas. Então, nós temos que amar a terra, e nós viemos dela, e essa faculdade precisa um pouco dessa identidade. A mágoa que eu trago dessa faculdade é saber que ela perdeu aquela paixão pela Educação Física, ela está visando muito mais a “o que eu posso tirar com a Educação Física para o meu bem-estar?” Está muito mais individualista a Educação Física, não está altruísta, não está pensando no profissional, está muito “o que eu posso ganhar, como eu posso fazer um nome na Educação Física?” Não é como fazer um nome. Você já tem um nome, respeite-o, só isso, respeito. Não é fazer nome, você já nasce, você é batizado, você leva um nome, então você não vai fazer nome. Você vai se respeitar e se fazer lembrar que você é o professor tal. Isso é aplauso para você, ser digno naquilo que você faz. A minha tristeza foi que eu me doeie tanto aqui no departamento... Não me arrependo de ter me doado para os alunos, isso jamais, mas com alguns colegas que, não custava nada, me ceder o título de Adjunto II juntamente com outros professores da Medicina, porque eu soube pelo meu colega que já faleceu, ele simplesmente puxou: “não, isso é dançarina, só pensa em dançar – vai se lembrar disso –, não fez trabalho nenhum, não tem mestrado – esquece que eu sou *maître* –, não tem isso não tem aquilo outro”. Pelo menos, no meio da dança, Ana Maria Botafogo está no meu Facebook, Eliana Caminada, Maya Plisetskaia, que nos deixou com 81 anos, a primeira bailarina russa do Bolshoi, o Mikhail Baryshnikov me manda coisas também, então não tem problema nenhum. Demonstra que não tem cultura, que é outra coisa. Não é só ser professor e entender de esporte, de natação, disso, daquilo. Não. Você tem que ter cultura, conhecer artes, conhecer política, conhecer história para poder falar. Então, eu peço muito aos alunos, o legado que eu posso deixar para os alunos é que não se bitolem, ampliem o leque, lendo muito. Não vão atrás de conversa de disse me disse “porque fulano é isso, porque em 1900...”. Não. Leia, procure se informar; converse com pessoas que viveram aquela época, se é que elas ainda estão por aqui; se instrua; aprenda línguas; procure ampliar; seja criativo ao máximo, a criatividade nos impulsiona, nos eleva; e seja humilde,

tenha humildade, não exagerada, tudo na medida certa. Com certeza, você vai alcançar o tapete vermelho e vai levar o Oscar da vitória, sendo educado, respeitador, interessado, dedicado e tendo muito amor pelo que se faz. Não tenha dó de dar o sangue. Eu doei meu sangue aos meus alunos e tenho o maior agulho disso, porque o que eu abri de portas para pessoas maravilhosas...

L.C.S.: Quero agradecer a satisfação de ter estado aqui fazendo essa entrevista com a professora Maria Rute, que foi a minha professora de Rítmica e outras disciplinas mais, que me ensinou muito, inclusive eu nunca esqueço que, outro dia eu estava falando com a minha filha aprendendo notas musicais e eu falei para ela: “o papai aprendeu notas musicais na Rítmica. Era o movimento da abraçada – e um, e um e dois, três e quatro”. Só que eu não lembro as notas musicais que eu fiz. Foi o meu trabalho de rítmica, que eu nunca esqueço. É uma satisfação muito grande uma professora que dedicou a carreira dela, a vida dela para a faculdade. A gente tem um prazer enorme, gostava muito da dança, brigava muito pelas salas de dança e fez muita coisa para a gente, realmente é uma alegria estar fazendo isso aqui.

M.R.J.C.C.: Que esse Centro Olímpico, principalmente esse que eu estou olhando, o CO, seja realmente um centro de excelência. professor William Passos, que ficou sol a sol aqui nessa piscina dando aula, que faça valer o nome do William, faça valer o nome do William; faça funcionar; tenha utilidade isso aqui; tenha utilidade a pista de atletismo do professor Osmar Riehl, do professor Cantarino; faça valer as quadras de basquete do professor Balthazar; o voleibol do professor Alexandre; a professora Solange da Natação, da Pedagogia; a professora Laura. Não se esqueça. A Laura, as cinzas dela e do Cantarino estão aqui. Façam valer com muito carinho. Não se esqueçam da história, do passado, é só o que eu peço. Muito obrigada, primeiro por estar viva para poder participar disso. Muito obrigada ao Luiz César que eu chamei aqui, escolhi para me arguir, porque foi um aluno excelente, um grande dançarino, me fez dançar lambada como ninguém. *Muito obrigada* por me chamarem, pelo carinho, pela atenção. Eu espero que esse trabalho tenha o maior sucesso, de coração. Isso aqui, em uma figura retórica, tudo isso aqui foi uma criança gerada por nós. Todos nós somos pais e mães, e as pessoas que vêm aqui – essas sementinhas – são nossos filhos, os alunos. Eles têm que se sentir acarinhados, amados e abraçados pela profissão, mas abraçados sentindo confiança, com os professores ali: “estamos aqui, vamos embora, continue o meu trabalho”. É assim que tem que ser. Temos que respeitar, temos que voltar a respeitar. Eu estou achando bárbaro isso, porque isso é memória, e um país sem memória não tem identidade, não pode exigir, não existe, é um país morto, já nasce morto.

Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos Estudantis (JEBs).
Autoridades e cidadãos. Ao fundo câmeras de TV.
Temos na fotografia: Lister de Figueiredo (Coronel) e Gilda Cury.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00044-08>.

4. Professora Solange de Cássia Elias Passos (S.C.E.P.)

Entrevistador: Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende (A.L.G.R.)

A.L.G.R.: Temos a imensa satisfação de estarmos aqui para entrevistar a professora Solange de Cássia Dias Passos. A professora Solange fez a graduação em Educação Física em 1973, na UFMG. Logo em seguida, teve a oportunidade de fazer um curso de aperfeiçoamento em Engenharia da Instrução – era o título do curso naquela época, em 1974. Fez a especialização na ESEFFEGO, em 1968, e foi uma das primeiras professoras da Faculdade de Educação Física que fizeram mestrado na Universidade de São Paulo, em 1983. Professora, é muito bom estar aqui com você, um grande prazer. Solange, como foi que você chegou a se tornar professora?

S.C.E.P.: Eu morava em uma cidade do interior de Minas Gerais, estudei interna no Colégio Sagrado Coração de Jesus em Alfenas e me formei no curso normal e no curso científico ao mesmo tempo, naquela época existia. Quando eu me formei, voltei para minha cidade, sem nenhuma perspectiva. Foi onde veio a ideia de ir para Belo Horizonte. Naquela época, era um avanço uma moça distinta, de família, ir sozinha para uma capital, mas eu

fui, minha tia morava lá. Eu cheguei a ir a Belo Horizonte, porque no colégio em que eu estudava houve um concurso de bolsa para a Faculdade de Filosofia Santa Maria em Belo Horizonte e eu ganhei uma bolsa. Então, com essa desculpa, eu consegui dobrar meu pai e ir para Belo Horizonte. Fui fazer vestibular, tinha que fazer vestibular. Era escola particular, não ia pagar nada, mas tinha que fazer vestibular e eu não sabia o que era carteira de identidade, o que era ficha não sei o quê, não sabia nada disso, mas me deixaram fazer o vestibular sem documento, praticamente nenhum, com o compromisso de que se os meus documentos chegassem até a última prova eu continuaria. Fui fazendo as provas, fui passando, mas, na última prova, que era francês, os documentos não chegaram. Naquela época, para ir de Alfenas a Belo Horizonte, os documentos iam de ônibus. A estrada esburacada e os documentos não chegavam. Foi quando eu perdi o vestibular e perdi a bolsa de Filosofia na Faculdade de Santa Maria, em Belo Horizonte. Eu fui para o pensionato em que eu estava hospedada muito triste e uma colega disse: “olha, eu vou fazer vestibular para Educação Física, vamos?” Falei: “nossa, vamos, eu não quero é voltar para minha cidade.” Então fui fazer o vestibular para o curso de Educação Física. Passei, comecei curso e, Alexandre, me identifiquei com aquele curso. Para mim, foi uma maravilha e me formei em Educação Física. Antes de me formar, eu já era concursada como professora do estado de Minas de Gerais. Já trabalhava com alfabetização de crianças, alfabetização de adultos e foi assim que eu fui caminhando. Formei em Educação Física, e comecei a trabalhar como professora especializada nas escolas. Neste mesmo período trabalhei no consultório do saudoso Doutor Aníbal Bonifácio da Costa, que você deve conhecer. Ele me chamou para ser professora de Educação Física no seu consultório e eu fui. Meu noivo, William Passos, morava no Rio, e tinha se formado em Educação Física. O mercado de trabalho em Belo Horizonte não estava bom e eu falei: “vamos para Brasília?” Ele disse: “vamos.” Eu larguei tudo em Belo Horizonte: larguei meu apartamento que a minha vó tinha me dado; larguei o emprego no Dr. Aníbal, que me pagava muito bem; larguei o estado; e vim para Brasília, sem eira nem beira. Hoje, eu penso como eu tive coragem, porque eu era bem estabelecida em Belo Horizonte. Chegando aqui, um ex-professor, Pedro Rodrigues, falou: “não, Solange, você vai trabalhar na Fundação Educacional, vai ter concurso agora.” Eu fiquei extremamente feliz com isso. Então, eu e o Willian fizemos o concurso, passamos e fomos trabalhar na Fundação Educacional. Lá eu trabalhei com crianças na Escola de Aplicação da UnB – da UnB não, da Escola Normal de Brasília –, onde tinha uma escola de aplicação. Eu amava aquelas crianças; depois, eu trabalhei com adolescentes no Colégio João Paulo II, amava aqueles adolescentes; e surgiu, então, a oportunidade de ir para a Universidade de Brasília. Pensei: “Universidade de Brasília? Será que eu dou conta disso?” Fui fazer uma entrevista lá. Em março de 1973, fui contratada como orientador desportivo e começou toda a minha jornada na UnB.

A.L.G.R.: O que fazia um orientador desportivo?

S.C.E.P.: Dava aula de Prática Desportiva para os alunos dos outros cursos da UnB, e foi uma experiência fantástica ter contado com alunos de outros departamentos, de outras

faculdades da universidade. No final de 1973, foi instituído um concurso nacional para professor de Educação Física da UnB, e foi no dia 4 de dezembro de 1973 que eu fiz esse concurso e fui dar aula no curso de Educação Física, que estava começando com cinco alunos. Eu me lembro de quase todos eles, vejo a carinha deles na minha frente. Nesse período, eu participei de... Nossa! Nem dá para citar quantos cursos, quantas comissões, quantas reuniões técnicas. Fui também, nessa época, requisitada pela SEED/MEC para prestar uma assessoria na Coordenação de Ensino Superior. Lá eu permaneci dois anos, mas era assim: de manhã, UnB; de tarde, SEED/MEC. Eu digo para você que eu não gostava muito de ir para a SEED/MEC, a gente ficava muito à toa e na UnB, muito mais trabalho, muito mais dinamismo. As disciplinas ministradas na UnB foram: Educação Física; Recreação e Jogos, durante quatro anos; Didática da Educação Física – você foi meu aluno e monitor de Didática da Educação Física –, 10 anos; Estágio Supervisionado em Educação Física, 12 anos – você foi meu aluno em Estágio?; e Aprendizagem Motora, durante sete anos. Foi um período intenso na minha vida, de muita alegria, de muitos tudo, de muita participação. Um determinado dia, eu pensei: “gente, eu tenho que me qualificar para acompanhar esses alunos. Foi quando eu decidi fazer o mestrado na USP. Eu tinha tido contato com alguns professores da USP que me incentivaram mesmo a fazer um concurso para o mestrado. Eu fui fazer, Alexandre, morrendo de medo, porque, veja bem, se eu não passasse, ia ser muito ruim mediante toda a comunidade da UnB, e se eu passasse, eu teria que me mudar para São Paulo e deixar meus filhotes, três crianças em Brasília. Ninguém acreditou que eu tivesse coragem de ir, nem eu, mas eu fui, sofri muito, porque deixar três crianças pequenas em Brasília... Eu vinha toda semana de ônibus quando o meu orientador deixava, porque às vezes proibia: “não, não vai, vai estudar.” Ia de ônibus de São Paulo para Brasília. Eu vinha para cá, vinha na sexta-feira à noite, pegava um ônibus, chegava aqui sábado, ficava com as crianças, ficava domingo e domingo, à noite eu pegava um ônibus para São Paulo. Sem contar que era muito difícil sair para fazer esse mestrado. A UnB cortava, de todos os jeitos, as possibilidades de a gente fazer, sair para estudar. Aqui, não tinha possibilidade, porque os mestrados eram muito fechados e muito poucos, e foi um desafio mesmo sair daqui para fazer mestrado em São Paulo. Eu fiz o concurso, recebi a notícia de que tinha passado e de que a matrícula era dia tal. Eu fui fazer essa matrícula, eu falei: “gente, eu vou me matricular, mas eu não sei se vou, não tenho coragem”. Fui, tive coragem, fiz o mestrado com toda essa dificuldade que eu já te falei e foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida: foi bom para mim; para os meus filhos; para os meus alunos, principalmente, porque eu fiz por eles, o mestrado eu fui fazer pelos meus alunos. Eu não tinha nenhuma possibilidade de uma ascensão de cargo na UnB, eu era professora assistente e ia continuar como professora assistente, não ia mudar nada, mas mudou a parte intelectual, a parte de pesquisa. Foi uma experiência muito boa fazer o mestrado, e sem contar que, para fazer o mestrado, na época em plena ditadura, a gente tinha uma dificuldade maior ainda, porque para me liberar para o mestrado foi muito difícil dentro da UnB, e quando fui liberada, eu era dedicação exclusiva, 40 horas/DE, e me passaram para 12h. Cortaram

então o meu salário, mas eu fui, foi muito desgastante, foi um sacrifício muito grande, foi um desafio muito grande, mas eu fiz. Essa é a história melhor, é o fim da história feliz, eu fiz o mestrado. Quando eu voltei, eu fui lecionar a disciplina Aprendizagem Motora, que foi a minha área de estudo, Aprendizagem e Desenvolvimento Motor. Nessa época, fui subchefe de departamento, fui coordenadora do curso de graduação não sei quantas vezes – dez anos, eu acho que fui coordenadora –, fui subchefe, eleita subchefe do professor Renato, ele era chefe, eu era subchefe. A esposa do Renato teve um acidente muito grave e ele teve que deixar a chefia e eu era subchefe, então virei chefe. Mas como que um departamento machista ia suportar uma mulher como chefe deles? Propuseram então um plebiscito. Eu aceitei o plebiscito, morrendo de medo, e fui então legitimada nesse plebiscito, como chefe. Foi difícil, foi um desafio que vocês não calculam. É muito difícil uma mulher ser chefe de um departamento de homens. Quem de mulher trabalhava lá? Maria Rute, Maria Helena, eu e Laura, mas a Laura foi depois. Não, mas foi nessa época, eram quatro mulheres. Para dar aula, tudo bem; para ter bastante aula, bastante horas-aula, estava ótimo; mas, para ser chefe, não. Mas venci esses desafios. Houve algum boicote que eu só fiquei sabendo depois que eu saí da chefia, mas venci essa etapa. Quando terminou a chefia, eu estava realmente cansada, desgastada de lutar mais ou menos sozinha, porque quem me apoiava era o Renato e o William, e eles tinham saído para estudar – o William para estudar, o Renato de licença – e eu fiquei ali. Então, eu sai muito cansada dessa chefia e eu pensei que eu tenho duas opções: ou ficar e fazer o doutorado ou me aposentar. Eu decidi me aposentar. Eu digo para vocês que eu me arrependi muito. Me aposentei muito nova e não conclui, não fiz o doutorado, mas tudo bem.

A.L.G.R.: A título de comparação com o que a gente está vivendo hoje, quais eram as tecnologias disponíveis para um professor em sala de aula naquela época, na década de 1970, de 1980?

S.C.E.P.: Datilografia e gravador, bem rudimentar. Já no final, o retroprojektor. Tinha o tal canhão: “traz o canhão, dá aula com o canhão”. Um mimeógrafo a álcool, que era o cachacinha. Comprei datashow para dar aula, procurar melhorar as aulas, custou dois mil reais na época, mas foi comprado.

A.L.G.R.: Recuperando um pouco toda essa sua experiência na universidade, teve algum desafio que você gostaria de compartilhar conosco que foi algo marcante?

S.C.E.P.: Um dos desafios foi a participação nesse projeto da SEED/MEC, em conjunto com a UnB, para discutir a Educação Física na universidade. Eu fiquei na coordenação desse projeto. Decidi, não, eu conversei, e chegamos à conclusão de que a gente formaria grupos de consultores. Procurávamos os melhores professores, os mais qualificados nas faculdades; reunia em Brasília; discutia o assunto; eles voltavam para sua cidade de origem; elaboravam um texto sobre aquele assunto; e retornavam a Brasília, em determinado momento, para discutir o que foi escrito. Foi um desafio, porque, a par disso, eu não fui liberada de trabalho na universidade, eu tive que continuar trabalhando normal e tive que fazer tudo isso. As falas dos professores – a gente sempre se reunia em um hotel – eram

gravadas em um gravadorzinho bem elementar de propriedade minha mesmo, e depois eu levava aquilo e ficava ouvindo e transcrevendo as falas dos professores, que eram longas. Remetia os textos para eles (alguém datilografava para mim, porque eu não sabia datilografar), eles então corrigiam, aceitavam, propunham, diziam “está errado” ou “está certo” “é isso mesmo”, porque o gravador tinha hora que a gente não ouvia direito o que era falado. Terminamos isso, foi quase um ano de reuniões e mais reuniões, mais reuniões e textos, textos, textos, até que tivemos a ideia de fazer um livro: “vamos reunir isso em um livro, gente? Porque é um material muito rico essas discussões sobre Educação Física na universidade.” Discutimos as ideias com os consultores e a gente foi construindo tudo junto; eles iam propondo outros temas: formação do profissional de Educação Física, Educação Física e lazer, Educação Física e trabalho. Reunimos isso em um livro que está aqui, não sei se vocês conhecem, mas é um livro que eu me orgulho muito de ter coordenado e organizado. Foi um desafio, uma contribuição para a Educação Física brasileira – eu acredito mesmo –, pessoas escreveram textos na época inéditos, maravilhosos.

A.L.G.R.: Como era a relação do Departamento de Educação Física dentro da Faculdade de Ciências da Saúde?

S.C.E.P.: Era difícil. O Departamento de Educação Física era o que a gente falou no início, que não tinha, não se considerava o Departamento de Educação Física, a gente participava das reuniões da Faculdade de Saúde, mas éramos muito pouco ouvidos. Depois que eu voltei do mestrado, eu me lembro que eles passaram a considerar mais o departamento. Eu me posicionava bem nas reuniões e me lembro que eu participei corajosamente de um curso ministrado por um médico lá da faculdade, que era sobre crítica, discutindo o que que era a crítica afinal, não era um deboche, mas uma construção acadêmica, e eu fui participar. Acho que era a única mulher no meio daqueles homens muito importantes da Faculdade de Saúde, médicos famosos, e, no último dia, tinha a apresentação de um trabalho, eu apresentei um resumo da minha tese de mestrado e eles ficaram de boca aberta, nunca pensavam que alguém da Educação Física pudesse fazer um trabalho daquele. Era muito difícil a relação, e já se discutia na época o crescimento do Departamento de Educação Física e a necessidade de se desvincular da Faculdade de Saúde. Eu me lembro que a gente tentou se vincular à Faculdade de Educação, mas, conversando com o professor Aloilson, que eu não sei se você se lembra dele, mas era um professor muito interessante da Faculdade de Educação, ele disse: “gente, é melhor não ser nada em um lugar que é muita coisa do que ser nada em um lugar que não é nada.” Isso desmotivou muito a gente a passar para a Faculdade de Educação. Mas com o tempo essa relação foi melhorando na Faculdade de Saúde, mas ainda permanecendo muito rudimentar, e já se discutia: “precisa se desvincular da Faculdade de Saúde, precisa se tornar uma faculdade.” Mas eu não participei dessa discussão, desse trabalho para sair da Faculdade de Saúde e se tornar uma Faculdade de Educação Física.

A.L.G.R.: Fala um pouco para a gente dos currículos que você teve contato durante a formação do profissional em Educação Física. Creio que nós começamos com o primeiro currículo em 1972 e você chegou a acompanhar a primeira reestruturação curricular da FEF.

S.C.E.P.: Foi uma mudança, uma ruptura, de certa forma, com o currículo que tinha uma formação muito técnica de esporte, de competição, para um currículo mais voltado para as metodologias do ensino das disciplinas – por exemplo: Metodologia do Ensino da Didática, Metodologia do Ensino do Basquete, Metodologia do Ensino do Handebol – que tentava professores daquelas disciplinas e não técnicos treinadores do esporte. Essa foi a grande mudança. Eu participei muito como requisitada para a SEED/MEC, de reuniões de currículo, desde aquela que tentava acabar com currículo mínimo até chegar às metodologias. Foi muito tempo mesmo de discussão para se chegar a aprovar uma proposta. O bom da UnB é que você fundamentava mesmo uma proposta e acabava sendo aceita. Você não tinha que ficar brigando, brigando e brigando para... Não sei o caso da faculdade, porque eu não participei, mas eu sei que a gente conseguiu muita coisa dentro da UnB. A gente conseguia ali pelo Decanato de Assuntos Comunitários, que a gente era muito ouvido nesse decanato.

A.L.G.R.: O que significa para você fazer parte da história da Educação Física em Brasília e na UnB?

S.C.E.P.: Eu me sinto realmente privilegiada e sou muito grata por ter feito parte da UnB. Eu costumava dizer, quando eu saía de casa de carro e entrava na UnB, que o ar era outro, eu respirava um ar diferente de tanto que eu gostava da universidade, daquele espaço, daquela convivência, daquela relação acadêmica que eu consegui formar dentro da UnB participando de outros departamentos também, não só da Educação física, mas da Faculdade de Educação, da Faculdade de Saúde, da Faculdade de Psicologia, do Departamento de Psicologia. Então, eu me sinto privilegiada por ter feito parte da história da UnB, da história do Departamento de Educação Física da UnB. Ali eu cresci, eu me qualifiquei, eu tive contatos incríveis com professores, com alunos – os alunos eram para mim seres diferentes, eu me sentia realizada fazendo o meu trabalho com os alunos. Eu partia para o estágio supervisionado, porque o estágio era feito, eu acompanhava os meus alunos nas escolas e ali a gente estudava, a gente discutia academicamente e a gente se tornava amigos, era uma coisa muito bonita que a gente associava a parte acadêmica com a parte social. Fora das aulas, momentos marcantes quando eu fui várias vezes convidada pelos alunos para ser paraninfa de turma. Quando não era paraninfa, eu era homenageada, isso fez uma diferença muito grande na minha vida.

A.L.G.R.: Fazendo uma reflexão pessoal, teria algo que você gostaria de fazer ainda pela Educação Física ou você sente que a sua missão já está cumprida?

S.C.E.P.: Eu não gosto muito dessa expressão não, Alexandre: falar missão cumprida. Mas eu sinto... Eu sinto que eu não tenho muito mais a fazer pela Educação Física do Brasil não.

A.L.G.R.: Que mensagem você gostaria de deixar para os colegas que estão agora assumindo os desafios que você deixou na universidade de formar novos professores, e também para os estudantes de Educação Física, o que você diria para eles, uma palavra de motivação?

S.C.E.P.: Para os colegas, que eles se dediquem academicamente, como parece que vem ocorrendo na faculdade, se dediquem didaticamente nas suas salas de aula, porque o departamento não precisa só de pesquisa, precisa do ensino, da pesquisa e da extensão. Então, que esses trabalhos sejam realizados e que a graduação não seja menos importante, e que o trabalho de extensão não seja também menos importante. Eu me lembro que eu fiz parte de um trabalho de extensão da universidade em conjunto com a Faculdade de Educação no Médio Araguaia, lá em Barra do Garças – acho que é esse o nome –, e foi muito bonito a gente participar desse projeto. Então, que encare a pesquisa, o ensino e a extensão como um todo, como fazendo parte de um todo. Para os alunos, que levem um trabalho de qualidade para as escolas, que a formação deles não termine na graduação, que a formação deles continue em termos de curso ou, se não, de muito estudo, de muita preparação.

A.L.G.R.: Solange, muito obrigado por ter nos recebido na sua casa. É um prazer poder ter estado aqui com você, relembando todos aqueles momentos que foram muito preciosos para mim, muito importantes. Você sabe que você é uma das responsáveis por eu ter escolhido a Educação Física e me dedicado a essa profissão, e hoje muito das coisas que eu faço lá na Educação Física é como se fosse um tributo a vocês todos que tiveram uma participação incrível na minha formação, muito obrigado por tudo que você fez pela gente.

Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos Estudantis (JEBs).
Pessoas subindo ao pódio; 3º lugar Atletas e banda de música ao fundo.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00044-06>.

5. Professor Alcir Braga Sanches (A.B.S.)

Entrevistador: Jake Carvalho do Carmo (J.C.C.)

J.C.C.: Temos aqui o prazer de estarmos com o nosso convidado, professor Alcir Braga Sanches, o nosso querido professor Braguinha, que atuou na Universidade de Brasília, deixando marcas fenomenais. Foi o meu professor de Futebol, meu professor de Handebol, e, principalmente, eu vejo um administrador que ajudou em muito na consolidação da nossa faculdade. Então, é um prazer estar aqui com o senhor e nós vamos então conversar muito sobre esse tempo que nos abrilhantou aqui. Muito obrigado. Inicialmente, gostaríamos de saber como é que foi a sua história de vida, como chegou na Universidade de Brasília, como atuou na Universidade de Brasília.

A.B.S.: A minha vida pessoal e profissional foi sempre ligada ao esporte. Desde menino, fui um garoto de rua, jogando muito futebol na rua. Na adolescência, eu fui para um colégio particular e lá eu comecei a me destacar dentro da escola jogando nas equipes do colégio. Nesse mesmo colégio, inclusive, eu consegui o meu primeiro emprego. Trabalhei lá na secretaria desse colégio e depois me tornei jogador de futebol. Comecei a jogar futebol no Olaria Atlético Clube do Rio de Janeiro e atuei lá desde as categorias de base até a profissional, comecei a me destacar no Rio de Janeiro e, posteriormente, vim para Goiás e, nessa época, já com a intenção de fazer o curso de Educação Física, exatamente estimulado pelo meu interesse e gosto pelo esporte. Me mudei para Goiás para jogar futebol no Goiás Esporte Clube, mas já tendo sido aprovado no vestibular do curso de Educação Física da ESEFFEGO, que é a Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás. Lá joguei futebol, consegui fazer o curso e me formei na ESEFFEGO, fiz um curso de especialização na Universidade de São Paulo em Handebol e, pelo ano de 1973, teve um grande congresso em Goiânia, inclusive o professor Cantarino, saudoso professor Cantarino, um dos nossos primeiros líderes aqui na Educação Física na UnB, ele estava lá nesse evento e recebemos a notícia – eu recebi a notícia, o pessoal todo recebeu a notícia – de que a Universidade de Brasília estava realizando – iria realizar – um concurso público para a criação do tal do curso de Educação Física na UnB. Eu vim fazer esse concurso, fui aprovado e, assim, eu ingressei aqui na Educação Física, assinei um contrato aqui na universidade – 23 de janeiro de 1974 – e aí eu começo a minha vida realmente profissional, com uma rápida passagem pela ESEFFEGO, eu fui professor na ESEFFEGO durante um ano, no ano de 1973 e, aliás, esse meu vínculo com a ESEFFEGO foi o que me credenciou para o concurso, porque um dos critérios do concurso da UnB, na época, era que o indivíduo tivesse experiência no ensino superior e eu, então, um jovem recém-formado, professor novinho na ESEFFEGO, tive o meu currículo selecionado para vir fazer a parte prática, que era uma aula, e outra coisa, é detalhe, o concurso era para modalidades esportivas. Eu fiz um concurso para Handebol, uma vaga para Handebol, professor de Handebol na Universidade de Brasília.

J.C.C.: Já dentro da Universidade de Brasília, quais seriam, quais foram os seus cargos e as suas funções?

A.B.S.: Então, logo chegando aqui, o primeiro contato foi com o nosso então chefe do Departamento de Educação Física, professor Hélio Bettero, que foi inclusive o responsável pela abertura, pela busca, pelo concurso – ele conseguiu as vagas para o concurso –, e cheguei aqui, recebi logo as missões que eram dadas aos professores que chegavam, que era primeiro: sendo professor concursado, tinha responsabilidade de atuar na implementação do curso de Educação Física, cujo primeiro vestibular já havia sido realizado em julho de 1972. Os alunos estavam saindo do ciclo básico da área de Ciências – você conhece bem esse ciclo básico – e precisavam de ter oferta das disciplinas do currículo então vigente. Então, é por isso que o concurso foi feito. A segunda: você é o treinador da equipe de handebol da FAUnB, Federação Atlética da Universidade de Brasília. Terceira missão: dar atendimento à comunidade. Todos os domingos nós temos um plantão aqui na portaria do Centro Olímpico, e os professores então têm que fazer uma escala para, em cada domingo, nós termos um professor responsável pelo Centro Olímpico nos finais de semana. Recebi essas três missões. Então, fui cumprindo essas missões, peguei as minhas disciplinas, a de Handebol e, outra coisa, a Prática Desportiva, recém-implantada nas universidades para o cumprimento da Lei nº 69.450, de 1971, que tornou obrigatória a Prática Desportiva em todos os níveis e graus de escolaridade. Logo no começo, veio o professor Cantarino, um líder que veio para agregar, juntar e ajudar o professor Bettero nessa missão administrativa – ajudou muito –, e eu fui me juntando ao professor Cantarino, ali também pegando algumas funções administrativas com o professor Bettero, e isso foi a semente realmente da minha carreira, que foi mais marcada, dentro da universidade, pela atuação na administração da universidade. Eu cheguei, fui subchefe de departamento com o professor Cantarino, no período de 1977 e 1979, porque o professor Bettero se desvinculou da universidade em 1977. Depois, de 1979 a 1981, eu assumi a chefia do Departamento de Educação Física, na época o chefe mais jovem. Inclusive, eu tive uma passagem muito interessante relacionada ao problema da idade. Eu, preocupado com isso, fui conversar com o meu diretor na Faculdade de Ciências da Saúde. Agora está me falhando o nome, mas ele foi muito importante para mim. Eu perguntei para ele: “professor, e agora? Eu vou ser chefe de departamento desse pessoal... Olha o Cantarino, o Renato Garcia, todo pessoal mais velho, mais experiente do que eu.” E ele falou assim: “não se preocupe não, você vai pegar o estatuto, o regimento da Universidade de Brasília, vai colocar debaixo do braço, vai pegar a legislação vigente – maior vigente – e vai botar na cabeça que a sua missão dentro da Universidade de Brasília é exatamente defender a Educação Física, o desenvolvimento da Educação Física, não só na universidade como no Distrito Federal”. Falei: “é isso?” Ele: “é isso que você tem que fazer, mais nada.” Eu segui essa orientação dele e fiquei um período bem, consegui ser reconduzido por mais um mandato, então eu cumpri dois mandatos, o que era permitido na época, e passou essa fase. Logo a seguir, nós estávamos vivendo a crise da Educação Física dos anos 1980 e havia muito questionamento

dentro da universidade em relação a realmente qual era o papel da Educação Física, qual é o objeto de estudo da Educação Física, e muita crítica à questão do tecnicismo, e aí foi que eu saí para fazer um mestrado na Universidade de São Paulo, no ano de 1984. Eu saí para o mestrado em 1984 e, após retornar desse mestrado, como eu já havia sido chefe de departamento e tudo mais, eu comecei a assumir, nos mandatos seguintes, várias coordenações. Eu assumi a Coordenação de Graduação mais de uma vez e com chefes diferentes, assumi a coordenação de Prática Desportiva, assumi a Coordenação de Extensão. A única coordenação que eu não assumi foi a Coordenação de Pesquisa, porque não se enquadrava dentro do meu perfil, eu já estava com uma carreira encaminhada para ajudar a universidade e a Educação Física nessa questão da administração. Passado algum tempo, já na coordenação de Educação Física e no contexto inclusive dessa crise da Educação Física e do surgimento de novos conceitos, foi que eu comecei a trabalhar no projeto de criação da Faculdade de Educação Física. Fiz parte de uma comissão e ajudei na elaboração do projeto, havia um movimento dentro da universidade da ideia de desvinculação de determinadas áreas, principalmente no nosso caso da Educação Física, porque nós queríamos demonstrar que a nossa especificidade não justificava a nossa vinculação com a Faculdade de Ciências da Saúde, e foi inclusive o argumento da especificidade que foi utilizado no projeto que possibilitou – e também a abertura que existia na época, havia por política da administração central – que a gente realmente conseguisse aprovação da criação da Faculdade de Educação Física, sendo que, à época, havia uma grande resistência da diretora da Faculdade de Ciências da Saúde que era professora Paulina. A professora Paulina resistia muito, porque ela estava vivendo ali a fragmentação da faculdade, ela defendia coisas deles e nós iniciamos essa fragmentação. A fragmentação foi grande, porque, hoje em dia, a Faculdade de Medicina, o curso de Medicina, que está desvinculado, tem faculdade própria; Nutrição tem faculdade própria; Enfermagem tem faculdade própria; e ela já previa essa fragmentação. Mas a Paulina, na época, estava com pouco poder político na administração central e nós conseguimos então que a faculdade fosse criada. Mais um pouquinho para frente, nesse mesmo contexto dos novos conceitos de Educação Física, nós tornamos a Prática Desportiva optativa. Eu também atuei dentro desse projeto e eu não sei se foi uma coisa boa, mas a Prática Desportiva tornou-se optativa e aí muitos dos cursos aproveitaram e tiraram a Educação Física dos seus currículos. Os professores também estavam mais preocupados com as suas carreiras e com as suas qualificações. Eles precisavam disso, porque eles tinham uma carreira pela frente, e achei isso importante, porque, inclusive, o meu mestrado abriu para mim uma nova área de atuação em termos de conhecimento. Eu, que era um professor chamado tecnicista, que atuava com o desporto, com meu mestrado, eu desenvolvi um conteúdo e comecei então a estudar bastante a área de Aprendizagem e Desenvolvimento Motor. Eu acho isso de uma importância muito grande, porque realmente, em termos de conceito, para mim, foi uma evolução muito grande pessoal. Eu comecei então a atuar como professor de Aprendizagem e Desenvolvimento Motor, mas nunca deixei de dar, oferecer a Prática Desportiva de Futebol para os alunos da universidade,

porque eu achava isso importante, que aproximava o professor da comunidade, trazia o professor, os alunos para o Centro Olímpico. Inclusive, recentemente, estive aqui e fiquei assim: “(inint) [00:16:30] o futebol? Oferta da Prática Desportiva?”. “Não, o futebol não foi mais oferecido depois que o senhor se aposentou em 2015, não tem Futebol para Prática Desportiva.” Porque os professores começaram a se preocupar mais com as suas pesquisas, com área acadêmica e realmente essa parte do desporto ficou meio de lado, porque foi uma fratura, não sei se eu vou usar o termo fratura, mas foi uma separação da Educação Física do desporto, em termos conceituais, mas que, na verdade, em termos práticos, isso nunca aconteceu, inclusive nas mudanças que aconteceram na Educação Física por conta dos distintos currículos que foram mudando de acordo com as novas resoluções. Depois, nos anos 2000, eu também tive participação na elaboração do Projeto de Implantação da Educação a Distância da universidade. Parece que são coisas que vão se delineando, de vez em quando eu fico pensando: “será que existe destino?” O Ministério da Educação implantou, no início do ano 2000, o Projeto Segundo Tempo, que a ideia do Projeto Segundo Tempo era exatamente ocupar os alunos em tempo integral nas escolas do ensino fundamental e usar o desporto no horário contrário das aulas das outras disciplinas para ocupar o aluno mais tempo dentro da escola. Implantou então dentro o Projeto Segundo Tempo. Nesse Projeto Segundo Tempo, a Universidade de Brasília teve uma participação importante, os professores da Faculdade de Educação Física atuaram e ele foi implementado usando a educação a distância, usando a estratégia da educação a distância. Por essa época, o governo federal, dentro da sua política, começou a fazer um incentivo de criação da educação a distância para atender às licenciaturas, que estavam preocupados com a formação de professores, principalmente em cidades mais distantes que precisavam de professores de Educação Física com formação, para que a Educação Física realmente ajudasse na educação dos meninos, e aí começaram a surgir editais de fomento para a educação a distância nas universidades. Eu fui no Brito – colega nosso, Marcelo Brito –, que tinha sido coordenador. Eu era coordenador de graduação e estou lá nos órgãos colegiados superiores da universidade, vendo o pessoal movimentando: “vamos implantar a educação a distância.” Eu não tinha nenhuma experiência, eu não sei por que foi, eu fiquei fora do Projeto Segundo Tempo, eu estava ocupado com alguma outra coisa e eu não estava no Segundo Tempo, mas o Marcelo Brito era o coordenador (inint) [00:20:29]: “você não quer assumir a coordenação desse projeto de educação, implantação de educação física a distância na UnB?” Ele falou: “não, não quero não”. Eu falei: “não podemos deixar isso...”. Lembrei do Iran, e o Iran, que então, como foi parte da comissão de especialistas da Sesu, trabalhando inclusive no projeto de reformulação da Educação Física – os caras com a nata da Educação Física na Sesu nessa comissão de especialistas –, o cara estava recém-chegado do doutorado dele, que se especializou em Currículo, eu falei: “Iran, não podemos perder essa oportunidade, vamos juntar e vamos fazer um projeto para a gente participar do próximo edital. Vai sair um edital agora para licenciatura chamado Pró-Licenciaturas, vamos entrar nessa.” Ele falou: “vamos.” Sentei com ele, trabalhamos juntos em uma proposta,

encaminhamos e fomos contemplados. Implantamos assim um programa de Pró-Licenciatura de educação a distância e atingimos várias... Longe... Fomos para Roraima, fomos para uma porção de cidades do interior, fomos para Barretos – agora está me falhando a memória, o Iran depois, na hora que chegar, vai lembrar mais dessas cidades todas. Logo a seguir, veio o UAB. Nós replicamos o projeto e ficamos com dois projetos, porque o Pró-Licenciatura era pontual, ele tinha início e fim definidos no próprio projeto, como inclusive com recursos para um curso – quer dizer, nós fizemos só um vestibular –, já o UAB não, permitia a execução de mais de um vestibular, mais de um programa. A EaD foi o último grande projeto que eu participei dentro da universidade, de implantação da educação a distância, do qual, inclusive, eu muito me orgulho, e assim, depois de 41 anos de atuação dentro da universidade – desde 23 de janeiro de 1974 –, em 11 de fevereiro de 2015, saiu então, eu abri o processo de aposentadoria e o ato saiu em 11 de fevereiro de 2015. Há três anos que eu estou aposentado, fora da universidade, mas muito orgulhoso, porque, na verdade, foi a minha vida.

J.C.C.: Naquela época, na década de 1960 e 1970 – na verdade, 1960 não –, a partir de 1974, na qual começamos aqui, como eram as aulas, quais as tecnologias utilizadas para o aprendizado?

A.B.S.: Muito bem lembrado. Em termos de estratégia e métodos de ensino da época e como evoluíram ao longo do tempo, o que eu posso dizer é que, no início, a Educação Física era tecnicista – você fazia um vestibular para Educação Física, você tinha que ter um desempenho físico para poder ingressar na universidade. Eu, por exemplo, fiz um primeiro vestibular na Universidade Federal do Rio de Janeiro e fiquei reprovado em um teste de barra. Na UFRJ, foi no ano de 1968, eles montaram um circuito de alto rendimento para o vestibular para alunos de Educação Física, para formação de professores de Educação Física, então o teste era totalmente tecnicista, desempenho era o que era cobrado. Na minha época de aluno, quando eu fui aluno, a prova era: “Voleibol hoje”; “qual é a prova?”; “você vai dar 10 saques, 20 toques e não sei quantas cortadas.” No futebol: “você vai dar tantos chutes na bola”; “você vai demonstrar se você sabe executar a habilidade.” Assim é que funcionavam os cursos da época. Você sempre fazia uma associação rápida com comentários de conteúdos, mas relacionados com a técnica, assim você estava formando os futuros professores de Educação Física. A ideia é que o professor de Educação Física – a formação dele –, para que fosse bem formado, ele tinha que saber fazer, só se ele soubesse fazer ele saberia ensinar e assim que funcionava a Educação Física. Na Prática Desportiva dentro da universidade, nós fazíamos avaliação dos alunos no começo, nós testávamos, tínhamos cinco testes que os alunos faziam: teste de Cooper, abdominal, barra e apoio – quatro testes –, não me lembro se tinha um quinto teste. Nós pegávamos os dados dos resultados obtidos pela turma, jogávamos, fazíamos uma curva de Gauss de distribuição dos dados, e a meta dos alunos, até o final do curso, era atingir os dados da curva para obter menção, que era oriunda dos testes que eles faziam no começo e no final do período letivo. Nós, no meio, fazíamos todo o treinamento dos alunos para eles atingirem as

metas. Em relação aos conteúdos expositivos, eles eram feitos dentro do próprio campo e, muitas das vezes, a gente usava o que a gente tinha disponível em termos de fotografias, na época tinham alguns vídeos – o Super-8 – e a gente usava alguma coisa dessas. A coisa foi mudando, essa maneira de trabalhar começou a ser muito criticada, principalmente nos anos 1980, a questão da crítica ao tecnicista foi muito forte, até que nós conseguimos extinguir – eu também participei desse projeto – a parte de desempenho dos vestibulares da Educação Física. Se não me falha a memória, eu acho que eu também era coordenador de graduação nessa época – eu não me lembro bem –, mas então nós acabamos com o teste de desempenho no vestibular para o curso de Educação Física na UnB. Os professores começaram a fazer seus doutorados, mestrados, começou um grande interesse do professorado por produção acadêmica, e aí eu faço uma distinção muito séria entre produção acadêmica e pesquisa *stricto sensu*. Nesse sentido, eu encaro que, salvo raríssimas exceções, somos todos professores e não sei se nós temos um ou dois ou três ou quatro pesquisadores ou se tivemos algum ao longo do tempo – estrito –, e aí a coisa começou a passar mais para essa questão de mais conversas, de mais conteúdo, com menos práticas “tecnicistas”, entre aspas. Nós chegamos a um ponto em que nós começamos a chamar essas práticas de experiências, então nós começamos a levar os alunos para a quadra para ter experiência, para eles vivenciarem; mudamos a estratégia de treinamento para dar habilidade, para a vivência, vivências, experiências na aprendizagem só para o aluno ter uma noção; tiramos o teste de desempenho do vestibular; e nós começamos a ter dificuldade de ter alunos nas quadras para vivenciarem as experiências que eles precisavam de ter para a formação deles de professores. Houve uma mudança muito grande, porque nós vivenciávamos naquela época, nós tínhamos um uniforme, o aluno de educação física tinha uniforme, todos, tanto de Prática Desportiva quanto do curso de graduação. Tudo isso foi caindo e nós começamos agora recentemente às vezes a: “aviso: na próxima aula nós vamos ter uma aula de vivência, de experiência na quadra do ginásio, por favor venham vestidos adequadamente.” Aí, chegam os alunos de sandália havaiana, a menina com um sapatinho de salto, calça jeans... Foi uma mudança para o outro extremo. Na graduação, com a implantação da educação a distância, melhorou muito a questão do uso das tecnologias e também uma própria evolução das tecnologias, com o surgimento da internet e também o surgimento de plataformas – essas plataformas de ensino muito boas –, inclusive nós implantamos uma plataforma nossa da educação a distância na Pró-Licenciatura e no UAB. A questão do professor começou mais vinculada à questão da diminuição do domínio do conteúdo, quer dizer, o professor conteudista também começou – porque nós saímos do tecnicismo e viramos para o professor conteudista – a ser muito questionado, e, com a utilização das estratégias de EaD, quer dizer, com o desenvolvimento da tecnologia e do ensino virtual, as estratégias começaram a ser mais valorizadas e o professor passou a ser mais um cara construtor de estratégias de ensino do que de um administrador de conteúdo, e o importante passou a ser... A aprendizagem passou a ser mais importante do que o ensino. Foi isso que

aconteceu ao longo do tempo nessas mudanças todas que eu cheguei a vivenciar nos meus 41 anos de universidade.

J.C.C.: Professor Alcir, eu gostaria de saber o que motivou o então Departamento de Educação Física a se desvencilhar da Faculdade de Ciências da Saúde, onde predominava a Medicina?

A.B.S.: Além do que já foi dito, nós tínhamos também um grande interesse em conquistar uma autonomia tanto administrativa quanto financeira, porque uma unidade tem recursos próprios e os recursos são distribuídos por unidade e depois eram redistribuídos para as subunidades, então nós tínhamos interesse em ter essa autonomia financeira, de ter os próprios recursos. Além disso, a questão administrativa. Nós passamos a ter acento em todos os colegiados da administração superior da universidade. Eu mesmo fui membro de vários conselhos, fui membro da Congregação de Carreira, não, fui membro da Câmara de Ensino de Graduação da universidade, fui membro da Câmara de Extensão da universidade, fui membro do Cepe e fui membro do Consuni. Em termos de participação em alguns colegiados, desde o começo, no meu caso, quando nós éramos da Faculdade de Ciências da Saúde, nós não passávamos da Faculdade de Ciências da Saúde. Nós tínhamos assentos no colegiado lá, eu fui membro, por exemplo, da Câmara de Graduação da Faculdade de Ciências da Saúde e fui também membro do outro colegiado administrativo lá, mas não passava de lá, para subir mais, nós tínhamos que nos transformar em unidade e isso realmente foi importante para nós. Quando nós nos transformamos em faculdade, e com o interesse cada vez maior dos professores por estudos na área acadêmica e também na área de pesquisa, nós tivemos, em termos de política pública, os financiamentos de nossos laboratórios. Nós tínhamos o laboratório – o primeiro grande laboratório foi o AFiM – e hoje nós temos... Quantos laboratórios nós temos hoje? Eu me afastei um pouco... O laboratório que você coordena, meu ex-aluno, com todo orgulho?

J.C.C.: Biomecânica e Processamentos de Sinais Biológicos, mas nós temos em torno de uns 15 laboratórios e ainda com uma grande margem de errar nessa informação.

A.B.S.: Inclusive, em uma determinada época, no sentido de a gente conseguir inclusive mais recursos, cada área nossa de ensino foi considerada como um laboratório: uma sala de aula, um laboratório; uma piscina, um laboratório. Por isso que temos uma soma tão grande como essa e é possível que tenha até mais, se for somar realmente aquilo que hoje em dia é considerado laboratório, mas laboratório de pesquisa, no sentido estrito, são o AFiM e mais os que você citou, não sei se tem mais algum, tem?

J.C.C.: Tem vários.

A.B.S.: Então, em termos de política pública, quer dizer, a mudança do conceito do tecnicismo para o acadêmico trouxe para a Educação Física todos esses avanços. Nós começamos a nos equipar melhor, nossos professores também começaram a se aprofundar em estudos, isso ajudou em muito na melhoria da produção acadêmica dos professores e, conseqüentemente, da universidade, então foi uma mudança muito importante.

J.C.C.: Professor Alcir, e quanto à evolução do nosso currículo? Em 1974, com todo o início, como é que ele era visto, o que era oferecido? E depois, com as reformas, o que aconteceu quando nós saímos do vestibular específico de Educação Física até o mais próximo possível dos dias de hoje?

A.B.S.: Eu mesmo me formei com a Resolução nº 69/69, e a Resolução nº 69/69 foi uma resolução muito importante, que ela implantou inclusive o currículo mínimo, e foi uma resolução importante, porque ela deu muita ênfase à questão da formação do professor, muito embora ela tivesse realmente uma – no ensino superior –, muito embora tivesse um resquício muito forte das ideias tecnicistas, porque o desporto predominava. Nós tínhamos três componentes curriculares importantes – o biológico, o gimnodesportivo e o pedagógico – e a implantação desse componente pedagógico dava essa ênfase para o ensino, e a importância das estratégias de ensino do professor tirava um pouquinho do tecnicismo que prevalecia até então, e implantou o currículo mínimo. Essa Resolução nº 69/69 foi muito criticada durante muito tempo e foi a que predominou desde 1972, a data do nosso primeiro vestibular, até 1987. Predominou durante 15 anos e sempre com essa discussão: a questão do desporto da Educação Física. O pessoal discutia dizendo que: “nós temos que fazer uma distinção disso aí, temos que fazer uma distinção nessa formação.” Foi aí que foi criada e implantada a Resolução nº 3/87. A Resolução nº 3/87 vem no contexto da crítica que se fazia primeiro ao currículo mínimo, que engessava muito as universidades na implantação, implementação dos seus projetos pedagógicos, e também havia uma crítica com relação à necessidade de uma formação – aí vamos usar a palavra profissional diferenciado – e a Resolução nº 3/87 veio e falou: “existe um profissional diferenciado ao do professor que é o bacharel, que é o cara para trabalhar fora da escola.” Só que nós, historicamente, estávamos acostumados a poder tudo. Ao licenciado poder tudo. Criaram o bacharelado, mas esse bacharelado nasceu morto. Por que ele nasceu morto? Porque o licenciado continuou podendo tudo e, além disso, a escola continuava a ser o melhor empregador. A segurança toda do professor estava na escola, embora ele tivesse muito pouco interesse pela questão do aluno. Ele dava aula de esporte na escola preocupado realmente com a questão da formação dos meninos para o esporte, não era uma educação mais abrangente. A Universidade de São Paulo criou um bacharelado por lá, não sei se Santa Maria criou um bacharelado, e continuou lá a licenciatura forte, todo mundo queria fazer, quem que ia fazer bacharelado? Ia fazer licenciatura... “Com licenciatura eu posso trabalhar dentro e fora da escola...” Então continuou. Nos anos 1987 (inint) [00:43:24], continuou aquela discussão dentro da academia chamada crise da Educação Física, e, em 1998, criou-se o Colégio Brasileiro de Ciências... Não, em 1998, criou-se a CONFEEF, regulamentou-se a profissão. A questão da regulamentação da profissão também era uma discussão no meio acadêmico e político brasileiro: “temos que regulamentar a profissão”. E aquela briga, porque tínhamos uma grande entidade que era o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, cujo primeiro presidente ou diretor foi o professor doutor Victor Matsudo, então essa discussão sempre era polemizada por essas entidades: Colégio

Brasileiro; CELAFISCS, que era um laboratório de São Caetano do Sul que antecedeu ao Colégio Brasileiro, e o Victor Matsudo criou o Colégio Brasileiro tendo o CELAFISCS como laboratório do Colégio Brasileiro. Continuava com aquela orientação desportiva, mas houve uma mudança de direção, a professora Celi Taffarel assumiu, e aí o pessoal do Coletivo de Autores de 1992 – o professor Lino Castellani, Celi Taffarel, o professor Ortega, a professora Lúcia, o pessoal de Campinas – veio propondo uma nova didática para a Educação Física e o negócio, a crise, para mim pessoalmente ficou mais braba ainda a crise. Essas tentativas, essas quebras de paradigmas influenciam também na pessoa, porque uma quebra de paradigma para o indivíduo é uma coisa muito forte. Já vi gente dando tiro no ouvido por causa dessa questão da mudança de quebra de paradigma. Em 1992, então, veio esse Coletivo de Autores e, em 1998, veio, repetindo, a questão do CONFEEF, que foi uma outra chacoalhado muito grande, mas estava vigente ainda a Resolução nº 3/87, e nos anos 1990, a Secretaria de Ensino Superior do MEC começou a trabalhar com um grupo de professores – uma comissão de especialistas. A SESU começou a usar essa estratégia de criar comissões de especialistas nas diversas áreas de conteúdo, de conhecimento, para começar a pensar a questão das reformulações curriculares, e a Educação Física teve também sua comissão de especialistas, que estava fazendo um trabalho, inclusive estava encaminhando uma proposta muito interessante, que era exatamente a formação do graduado em Educação Física com áreas de aprofundamento: o indivíduo fazia uma graduação e tinha apostilado, nas costas do diploma, o aprofundamento que ele se especializou. Escola? O cara vai para escola. “Mostra o diploma, qual é a área de aprofundamento?”. “Você pode atuar na escola.” “É treinamento esportivo.” “Então, só no treinamento esportivo.” Mas, quando estava caminhando, veio uma outra grande pancada, que foi a regulamentação das licenciaturas. Deu uma atropelada na Educação Física braba. Aí, a licenciatura dentro das universidades com especificidade própria e finalidade própria – especificidade e finalidade –, dizendo assim: “entra pela licenciatura quem quer ser professor, vai ser professor, mais ninguém. Se quiser fazer outro curso, vai fazer o bacharel. Quer atuar fora da escola? Vai fazer o bacharel, faz vestibular para bacharel e faz bacharel.” Mas a Educação Física historicamente podia tudo, a escola ainda era o maior empregador, como é que ia ficar a segurança do professor, do agora profissional de Educação Física? Ia pelo espaço. Ia para o espaço não, vamos dar um jeito aqui? Primeiro, as universidades particulares aderiram rápido, fizeram suas reformas rápido, implantaram logo seus bacharéis – uma ou outra uma licenciatura –, mas foram logo implantando seus bacharéis e ponto, está resolvido aqui. As públicas resistiram e a nossa faculdade aqui resistiu muito. Depois das Resoluções nº. 1 e nº. 2, que regulamentaram as licenciaturas, a Educação Física tinha que fazer alguma coisa, e aí veio a Resolução nº 7, que foi a criação do bacharelado. “Como é que nós vamos fazer?” “Vamos fazer aqui, conteúdo é o mesmo, vamos dar um jeito aqui, 70%.” “Mas o cara não pode...” Eu, inclusive, nos colegiados, era sempre a ovelhinha negra: “não pode, gente, não pode fazer isso.” “Não, nós vamos fazer.” “Vamos mudar o currículo?” “Vamos, o currículo...” “70% da grade é igual, como é isso?” “Não, mas ela é igual, depois a gente dá um jeito, o

cara entra por aqui, sai por aqui, depois chega lá, sai e pega dois diplomas.” Essa era uma crise que acho – não sei como está, tem três anos que eu estou fora, não sei se ela persiste –, mas é um problema sério, porque é preciso que a Educação Física assuma. Houve uma tentativa inclusive recente que foi frustrada, inclusive teve audiência pública e tudo mais, que houve uma tentativa de voltar à situação anterior. Eu não sei qual foi o órgão que – eu não me lembro, porque já estava aposentado – liderou isso, mas houve uma audiência pública no MEC e não passou, ficou como está. Então, eu acredito que futuramente essa coisa vai ter que... A licenciatura vai ter que seguir o seu caminho e o bacharelado vai ter que seguir o seu caminho também, distintamente, e eu acho que isso é uma próxima questão que a Educação Física vai ter que resolver.

J.C.C.: Professor Alcir, o que significa para o senhor fazer parte dessa grandiosa história da Faculdade de Educação Física da qual o senhor ajudou tanto?

A.B.S.: A minha vida foi toda ela... Quarenta e um anos é um tempo bom, porque toda a minha vida dentro da Universidade de Brasília foi calcada na ideia de que eu precisava, de alguma forma, participar ajudando a Educação Física no aspecto... Dentro da universidade. Eu atuei muito mais dentro da universidade do que fora da universidade, sempre buscando o interesse da Educação Física, o desenvolvimento da Educação Física, participando inclusive dentro da universidade, participando de discussões, fazendo propostas, participando de comissões, de alterações, participando de coordenações, então, uma vida muito voltada para a universidade. Eu costumo dizer que... “Qual foi a tua contribuição? Qual é o seu perfil? Você fez doutorado? Fez mestrado? Você é um pesquisador? É um acadêmico?” Eu falei: “eu sempre procurei evoluir dentro da minha carreira como professor na universidade”. Desde lá, da era tecnicista, até a mais atual, que é a de estratégia de ensino usando a tecnologia, sempre procurando melhorar o meu trabalho e atuando na administração. Foram 41 anos. Eu costumo dizer o seguinte... Agora eu mudei para Goiânia, estou morando há três anos em Goiânia. Eu saí do Rio de Janeiro com 21 anos de idade para a região Centro-Oeste, então eu fui criado – nascido e criado – no Rio de Janeiro. Passei por Goiânia três anos, antes de vir para cá, e vivi 41 anos na universidade. Eu falei: “eu não vou conseguir viver mais em outra cidade o quanto eu vivi em Brasília e não vou conseguir viver mais a mesma experiência do meu trabalho, porque eu aposentei, eu sou um professor aposentado.” Então, foi a minha vida e serviu para eu cumprir o meu destino, que foi através das controvérsias, dos contrapontos, mas eu devo tudo isso ao esporte. Hoje, eu sou um torcedor de futebol, vou ao estádio, torcedor fanático do Goiás e essas coisas todas, estou retirado, então estou mais para o papel de torcedor, estou afastado da universidade, mas sou muito grato e me orgulho muito do trabalho que desenvolvi aqui por esses longos anos.

J.C.C.: Por fim, eu gostaria que o senhor deixasse uma mensagem para os seus colegas de trabalho, para os professores nas escolas, enfim, para os alunos que sempre terão o senhor como exemplo.

A.B.S.: A mensagem que eu gostaria de dar para os meus colegas e tudo mais... Primeiro, que é preciso que a atuação dos colegas na formação dos alunos precisa ser bem distinta, e que eles se deem conta dessa distinção. Meu sonho como professor e também defendendo a escola é que os professores no futuro, e talvez finalmente, possam ser capazes de se dedicar realmente à escola, à formação de professores. Historicamente, a Educação Física, se você for pegar trabalhos acadêmicos na Educação Física, muito pouco direcionados realmente à preocupação com a questão da escola. Então, definam bem. Ao alunado, ao futuro alunado, que se definam, definam seu interesse. Se a habilidade do sujeito, talento do sujeito está voltado para o esporte, procure o bacharelado, vai fazer o bacharelado. Aquele que realmente quer ser professor, que então esse procure a licenciatura, e os professores se preocupem em fazer essa distinção. O meu sonho é que surjam professores, mais professores interessados com a questão da escola dentro das universidades.

J.C.C.: Professor Alcir, eu gostaria, do fundo do coração e carregando todos da Faculdade de Educação Física, lhe agradecer, não só pelo dia de hoje, no qual o senhor veio de Goiânia para nos brindar, mais uma vez, com os seus conhecimentos, mas por toda a sua dedicação, durante todos esses anos, à Faculdade de Educação Física.

Muitíssimo obrigado!

Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos Estudantis (JEBs). Aglomerado de pessoas em pé reunidas no campo de futebol no CO. Ao fundo, ônibus e carros.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtOM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00044-03>.

6. Professor Iran Junqueira de Castro (I.J.C.)

Entrevistadora: Alessandra Pessoa Coimbra (A.P.C.)

A.P.C.: Professor titular, Dr. Iran Junqueira de Castro, primeiro diretor da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília e responsável também pela coordenação do Curso de Licenciatura a Distância, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil. Passo então à apresentação pessoal e profissional do professor Iran Junqueira para que faça suas considerações.

I.J.C.: Hoje eu tenho 68 anos de idade, sou filho de um professor de Educação Física já falecido, (inint) [00:02:09], de uma pedagoga também falecida, minha mãe, que tiveram uma influência marcante na minha decisão de fazer Educação Física. Meu pai, como professor de Educação Física, percebeu que eu tinha dom, que eu tinha interesse, que gostava muito das modalidades esportivas que ele ensinava, inclusive, e, a partir daí, já me decidi precocemente que seria professor de Educação Física. Fiz, a partir de 1970, Escola de Educação Física do estado de São Paulo, hoje USP, Universidade de São Paulo, e, a partir daí, em 1973, vim a Brasília, porque Brasília basicamente tinha 14 anos, era tudo novidade, e achei que seria um momento, um espaço onde eu poderia me desenvolver profissionalmente. Vim para a universidade em 1974 e estou até hoje, uma vez que não me aposentei ainda e pretendo ainda, quem sabe, com saúde, desenvolver alguns projetos que me inquietam e fazem com que talvez eu consiga ainda contribuir um pouco para a área de Educação Física que eu amo tanto.

A.P.C.: Quais os cargos e funções ocupados na Faculdade de Educação Física?

I.J.C.: Fui coordenador da Prática Desportiva, uma disciplina obrigatória, todos os alunos da Universidade tinham que fazer, até a década de 1990, e, em 1994, eu participei já do debate sobre a criação da Faculdade de Educação Física, entretanto não fluiu como imaginávamos. Em seguida, me candidatei à chefia do então Departamento de Educação Física e tive uma participação ativa no que se refere à criação da Faculdade de Educação Física, que nasceu em 1997, e eu fui o primeiro diretor. Como diretor, tentei implementar uma série de ações, uma série de projetos, alguns com êxito, outros não, e fiquei, por oito anos, como diretor da Faculdade de Educação Física. Em seguida, já nos anos 2000, eu participei da criação do curso de Educação Física da UAB, Universidade Aberta do Brasil, como primeiro coordenador, e, vale a pena comentar, que foi o primeiro curso de Educação Física no Brasil a distância, entretanto, considerando a peculiaridade, a especificidade, melhor dizendo, da área Educação Física, nós criamos um curso mais híbrido, ou seja, semipresencial. Para se ter uma ideia, até 2013, 2014, havia apenas 12 cursos implantados de licenciatura e, segundo dados hoje do Ministério da Educação, existem 135 cursos Educação a Distância licenciatura e bacharelado no país. Fui também diretor do Ensino de Graduação a Distância da Universidade de Brasília. Essa coordenação, ou melhor dizendo, essa direção, é parte do Decanato de Ensino de Graduação, e fiquei lá em torno de três anos,

onde eu pude ter uma vivência um pouco mais macroscópica das políticas públicas, no que se refere à educação a distância não só em Brasília, mas também no Brasil.

A.P.C.: Com a criação do departamento, em 1974, até a criação da faculdade, em 1997, o senhor deve ter enfrentado muitos desafios, assumiu muitas responsabilidades. Dessa trajetória profissional, quais os desafios, problemas enfrentados?

I.J.C.: Em 1974, não só eu, mas acredito que todos os professores tinham uma visão muito tecnicista da Educação Física da época, uma vez que nós estávamos todos dentro de um paradigma do esporte de alto rendimento. Então, a Educação Física tinha essa vertente muito forte da Educação Física voltada ao esporte de alto rendimento, acredito que todos os professores. Para você ter uma ideia, na época que eu fiz a Escola de Educação Física, nós tínhamos várias disciplinas e modalidades institucionalizadas: o Basquetebol, o Voleibol, a Natação, o Atletismo... Por exemplo, eu fiz o Basquetebol I, II, III e IV como disciplinas obrigatórias da minha formação, assim como Atletismo, Natação, assim por diante. Na ocasião, a formação era técnica, biológica e pedagógica, então tinham apenas essas três vertentes. Um curso que normalmente você levava três anos para terminar, 1.800 horas. Essa foi a primeira formação. Então, na década de 1980, por conta do envolvimento de vários profissionais que foram fazer mestrado e doutorados fora do país, principalmente aqueles voltados à área de Educação e às áreas das Ciências Sociais, assim como pesquisadores intelectuais da Educação Física, principalmente da Europa, como por exemplo o Manoel Sérgio, influenciaram decisivamente a Educação Física no Brasil e isso gerou, não só em mim, mas no próprio Departamento de Educação Física, uma inquietude, uma vez que nós tínhamos uma visão muito restrita, muito romântica e, como eu disse, muito ingênua ainda da Educação Física. Nesse sentido, eu me mobilizei com a família para fazer um curso de mestrado na Universidade de São Paulo, consegui entrar em 1983, se eu não me engano, e por lá fiquei dois anos, até que eu concluí na área de Aprendizagem e Desenvolvimento Motor e tive o prazer e a satisfação de ter o professor doutor Go Tani como meu orientador, que não só foi um grande amigo, mas uma pessoa que realmente me colocou no mundo acadêmico, porque a nossa visão era muito de dar aula, muito do ensino da graduação, e, a partir do mestrado, desenvolvi uma competência de forma que eu pudesse ver esse tripé da universidade que é fundamental, ou seja, o ensino, a pesquisa e a extensão. Em seguida, fiz o doutorado, não no Brasil, mas no exterior, nos Estados Unidos, na Universidade de Iowa, estado de Iowa. Fiquei lá por quatro anos e meio e tive muito mais interesse, nesse momento, em não ficar em Aprendizagem e Desenvolvimento Motor, mas na área de Formação Profissional de Currículos, Currículos e Programas de Educação Física. Foi um acerto, na minha opinião, acertei, uma vez que, quando cheguei aqui no Brasil, estava se discutindo as novas formações, o novo profissional de Educação Física, e eu pude então participar em nível nacional da discussão sobre as diretrizes curriculares nacionais da área. Fiz parte da Comissão de Especialistas da SESU, que é a Secretaria do Ensino Superior do MEC, e, nesse sentido, tivemos o trabalho de debater não só internamente, mas com a comunidade da área de Educação Física nacional

– várias universidades, pesquisadores, também de universidades particulares – sobre essa nova formação de Educação Física, ou seja, o perfil profissional que se esperava desse novo profissional em Educação Física. Nesse sentido, pude ser também convidado para participar de várias comissões do MEC, no sentido de autorização e reconhecimento de curso. Estive lá de 1998 até 2011 ou 2012 e pude colaborar, digamos assim, com várias instituições desse país – Norte, Sul, Leste, Oeste – nessa área de formação que, na época, já estavam falando em licenciatura e bacharelado.

A.P.C.: Quais os desafios e problemas enfrentados durante essas mais de duas décadas da criação do departamento até a criação da Faculdade de Educação Física?

I.J.C.: Na minha opinião, nós sempre fomos uma espécie de corpo estranho na Faculdade de Ciências da Saúde. Lá existiam 12 departamentos e mais o nosso da Educação Física. Na área da Medicina, da Nutrição, da Enfermagem, assim por diante. Quando falávamos em conselhos da Faculdade de Ciências da Saúde assuntos relacionados à Educação Física, a gente percebia que o interesse dos membros daquele conselho não era tão intenso como nas suas áreas específicas. A Educação Física sempre teve realmente uma visão muito mais saúde do que de doença, e os problemas lá enfrentados estavam muito mais relacionados com doença. Além disso, nosso modelo não pode se confundir apenas com modelo de saúde, quer dizer, o paradigma da Educação Física hoje não pode ser pensado mais apenas na saúde. Por conta da especificidade da área, nós temos um pé também nas Ciências Sociais, na Educação, nas Ciências da Psicologia, assim por diante. Então a Educação Física, por ser multifacetada por natureza, mereceria uma unidade acadêmica dentro da Universidade de Brasília. Entretanto, não estava claro para os membros conselheiros da Faculdade de Ciências da Saúde, apesar de que aqui no então Departamento de Educação Física nós tínhamos uma posição firme de que valeria à pena a gente lutar para (inint) [00:12:34]. Entretanto, alguns chefes de departamento da faculdade tinham realmente essa visão, tinham essa sensibilidade, outros não. Então nós perdemos, em determinado momento, uma espécie de *timing* de criar a faculdade. Foi quando eu voltei do doutorado – naquela ocasião tínhamos 13 professores, 12 com especializações ou mestrados e apenas eu com doutorado –, me candidatei a chefe do Departamento de Educação Física, ganhei as eleições e percebi, gradativamente, participando daquelas reuniões, que valeria à pena, porque nós realmente não tínhamos muito a ver com aquele desenho da Faculdade de Ciências da Saúde. Fiz um projeto juntamente com o professor Riehl e com o professor Alcir, passamos esse projeto no então colegiado do Departamento Educação Física, foi aprovado, e, assim que levamos à professora Paulina Targino, então diretora da Faculdade de Ciências da Saúde, ela, de uma maneira muito agressiva, comentou conosco que não abriria mão do Departamento de Educação Física e que ela tinha ganhado as eleições contando com a Educação Física. Nesse momento, eu então procurei o professor Todorov, o reitor da Universidade de Brasília naquela ocasião, apresentei o projeto a ele, e ele comprou a ideia de que vale à pena investir. Nesse sentido, ganhei muita força, mais ânimo, mais motivação e, com apoio do professor Timothy Mulholland, que era o chefe de gabinete, fomos então

modificando gradativamente o projeto, no sentido de adequá-lo de forma que pudesse atender às expectativas e também às necessidades da Universidade de Brasília naquela ocasião. Esse projeto passou novamente ao Departamento de Educação Física para melhores debates e, finalmente, foi colocado como assunto de pauta no Conselho da Faculdade de Ciências da Saúde, onde, para surpresa nossa, ele foi aprovado por unanimidade. Em seguida, ele teve que necessariamente entrar ou ser pautado no Consuni, Conselho Universitário, e lá também, por unanimidade, ele foi aprovado em 1997. Gostaria de dizer que essa tramitação não foi fácil, houve uma série de intervenções, dificuldades daqui, dificuldades dali, tive que conversar com todos os chefes de departamento, convencê-los de que valeria à pena, porque a Educação Física tem realmente a sua peculiaridade própria, e eles finalmente concordaram e aprovaram por unanimidade o projeto. Quando entrou no Consuni, o professor Fuck, das Geociências, foi o relator e também, com muita sensibilidade não só social, mas também acadêmica, ele conseguiu mostrar o porquê que a Educação Física deveria ser realmente uma unidade acadêmica, uma faculdade. O grande problema foi que nós tínhamos na época apenas um doutor, alguns mestres e muitos especialistas. O próprio professor Todorov me perguntou: “professor Iran, mas como vamos criar uma faculdade com apenas um doutor?” Eu também não tinha a resposta, mas, refletindo com o professor Timothy e com o próprio professor Todorov, achamos que a saída seria fazer um convênio com a Universidade de Havana, em Cuba, e também com a Secretaria de Educação daqui do Distrito Federal. Foram feitos esses dois convênios, eu fui a Cuba, entrevistei talvez 15 ou 16 doutores formados todos em uma versão da antiga União Soviética e, desses doutores, eu consegui selecionar três, trouxe ao Brasil, e esses doutores – professor Hiram, professor Pini e professor Ramón – foram colocados à disposição de cursos ou programas, melhor dizendo, da pós-graduação na Psicologia, nas Ciências da Saúde, na Educação e assim por diante. Esses professores foram os primeiros que qualificaram os nossos docentes aqui da Faculdade de Educação Física. Além disso, esse convênio com a Secretaria de Educação foi muito importante, porque nós trouxemos oito professores, eles ofereceram as disciplinas não só obrigatórias, mas optativas do nosso currículo, e liberou professores da faculdade para que pudessem fazer seus mestrados e doutorados. Então foram dois procedimentos acertados, mas que nós tivemos dificuldades por conta não só questões acadêmicas, mas também financeiras, de gestão e assim por diante.

A.P.C.: Nos conte como era a política de formação, qualificação docente para os professores na época do departamento e como é hoje.

I.J.C.: Então, Alessandra, como eu disse anteriormente, não havia uma política de qualificação docente, mesmo porque nós estávamos muito bem em termos de ensino de graduação, achando que estávamos no melhor ensino de graduação possível aqui no Brasil. Entretanto, quando íamos pedir ascensão funcional de Assistente I, para Assistente II, por exemplo, caía na mão de um relator, os órgãos superiores, os colegiados superiores da UnB, e os relatores diziam: “cadê a produção científica desse professor, uma vez que ele participou do curso de Arbitragem, do curso Técnico, do curso de Basquete, de Voleibol,

de Handebol... Cadê a produção científica?” Então, fez com que nós acordássemos e, apenas na criação da Faculdade de Educação Física, que se criou uma política. Eu gostaria de voltar dizendo que, na década de 1980, houve na verdade iniciativas próprias, individuais. O professor Cantarino foi o primeiro a sair, em 1981, ele fez um mestrado aqui na Faculdade de Educação; em seguida, saiu professor Riehl; em seguida, a professora Solange, eu; e em seguida, o professor Balthazar, o professor Alcir, o professor Renato e o professor William; mas por iniciativas próprias. Somente com a criação da Faculdade de Educação Física que houve então uma política institucional de qualificação docente. Era uma política em que nós tínhamos um percentual de professores que podiam sair e fizemos um convênio, como eu disse para você, com a Universidade de Havana e também convênio com a Secretaria de Educação. Então, a política que nós tínhamos, um status, e a gente gostaria de mudar esse status, colocando a faculdade realmente como unidade científica e acadêmica dentro da UnB. Para você ter uma ideia, em 1997, nós tínhamos um doutor, o restante todos mestres ou especialistas; hoje, depois de pouco tempo, vamos colocar aí 25 anos, nós temos 46 professores no quadro, sendo que, desses, 43 são doutores, apenas três professores estão em processo de qualificação, o restante então já tem o título máximo dentro da universidade, o que nos deixa muito satisfeitos e orgulhosos, uma vez em que o cenário mudou muito, quer dizer, a Educação Física é uma profissão emergente e a Educação Física da UnB, os professores da UnB perceberam essa possibilidade de fazer parte da vanguarda da Educação Física, em termos de produção científica aqui no Brasil.

A.P.C.: O cenário da Educação Física vem se transformando ao longo dos anos de uma formação tecnicista. O senhor foi coordenador de uma Educação Física a distância que só foi possível com uso de tecnologias, a partir da adesão ao programa Universidade Aberta do Brasil. Me fale sobre as tecnologias usadas na Educação Física nas décadas de 1970, 1980, que tipo de tecnologia existia naquela época até chegar ao ponto de uma educação a distância, com o uso de computadores, que levou a Educação Física para todo o Brasil.

I.J.C.: Esse mundo dos computadores, da internet, enfim, que nascem no mundo e também no mundo acadêmico, a partir da década de 1990. Então, de 1970 até 1990, nós usávamos aqueles tambores que colocavam *slides* e o professor tinha que ir *slide a slide*, projetando em uma tela ou na parede e tudo mais. Isso era uma coisa muito complicada, porque o professor tinha que tirar fotografias, essas fotografias iam para os negativos até se transformar em um *slide*. Em seguida, teve aquela fase também dos retroprojetores com transparência, nós usamos muito, eu tenho as transparências até hoje. Então é isso, essa era a tecnologia que a gente utilizava. Para rodar, por exemplo, uma prova nós tínhamos o chamado cachacinha, ou seja, era um reproduzidor de documentos e isso também era um trabalho muito artesanal.

A.P.C.: E para fazer avaliação física nos estudantes? O senhor trabalhou muito com aprendizagem e desenvolvimento motor. Hoje nós temos vários aparelhos que fazem avaliação, como era feita essa avaliação antes?

I.J.C.: A gente usava mais os testes físicos, aqueles testes, não de laboratório, mas testes de pistas e tudo mais. No que se refere, por exemplo, ao (inint) [00:23:09] da aptidão física, a gente utilizava o teste de flexibilidade, o Teste de Cooper, aquele teste de 12 minutos na pista de atletismo, saltos ornamentais, saltos verticais, então eram mais testes de campo e não testes de laboratório. Até a década de 1980, nós não tínhamos laboratórios, os professores que faziam todos esses testes no campo. A partir da vinda do professor Vilmar Baldissera, fisiologista do exercício que ficou conosco em torno de dez anos, ele criou então o Laboratório de Fisiologia e de Medidas de Avaliação em parceria com professor Riehl e a professora Keila. Eu acho que esse é um momento histórico, uma vez que começou a colocar a Educação Física da UnB mais em um cenário científico, apesar de que uma abordagem mais biológica do movimento. Na década de 1990, nós criamos três laboratórios com o nome AFiM, ou seja, de atividade física e movimento. Esses três laboratórios com três áreas que acreditávamos de uma maneira interdisciplinar, ou seja, a Cinesiologia Biomecânica, a área da Fisiologia do Exercício e a área da Cineantropometria, ou seja, da área de medidas e avaliação. Esse então era o Laboratório AFiM, que congregava três áreas mais biológicas do movimento humano. A partir de 2010, nós criamos 12 laboratórios dentro dessa perspectiva biológica do movimento humano e quatro laboratórios na dimensão socioantropológica da Educação Física. Esses laboratórios, assim como a qualificação dos nossos docentes – a grande maioria, mais de 90% são doutores –, fizeram com que a gente pudesse se candidatar na Capes a ter o curso, ou seja, o Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Esse programa nasceu em 2007 com o mestrado, em 2014 foi então incorporado o doutorado em Educação Física. Então, o Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Faculdade de Educação Física tem o mestrado com conceito 4 e o doutorado também com conceito 5, com possibilidade, ou seja, raspando na trave a possibilidade de ter conceito cinco na Capes. Foi um ganho muito significativo, veja, se antes, na década de 1970, nós estávamos todos voltados para uma dimensão técnica, voltados para a formação exclusivamente profissional da licenciatura, nos anos de 1980, com a nova formação profissional, a gente começa a incorporar uma bagagem dos professores em uma dimensão acadêmica, hoje, em 2019, nós temos já um Programa de Pós-Graduação com mestrado e doutorado implantados. Os laboratórios hoje têm equipamentos de primeira linha, equipamentos de primeiro mundo, e que nós hoje somos uma referência não só na região Centro-Oeste, isso é uma coisa importante de dizer, não basta ser uma referência na região Centro-Oeste, acredito que o Programa de Pós-Graduação da UnB faz parte do cenário da Educação Física brasileira como uma referência do nosso país.

A.P.C.: Quais as contribuições da Faculdade de Educação Física no cenário da formação profissional a nível nacional?

I.J.C.: Essa é uma excelente pergunta, porque a gente consegue traçar mais ou menos essa trajetória da nossa faculdade aqui na UnB. Então, na década de 1970, nós formávamos professores em licenciatura plena para atuar basicamente na escola, em alguns espaços fora da escola como clubes, academias, que estavam começando ainda, e o envolvimento muito

forte na Prática Desportiva, ou seja, aquela disciplina que eu citei para você que era uma disciplina obrigatória, assim como a preparação de atletas para representar a UnB em eventos não só regionais, mas também nacionais. Essa então era a lógica da Educação Física. Já na década de 1980, nós começamos a ter uma contribuição mais forte junto à Secretaria de Educação, uma vez que fizemos vários cursos na área da Educação Física escolar, na área, por exemplo, da Psicomotricidade, e houve uma espécie de um intercâmbio não formal, mas informal, no sentido de capacitar os professores das escolas públicas e privadas nesse novo contexto. Em 1987, veio então a resolução do então Conselho Federal de Educação tratando das diretrizes curriculares nacionais. Então, se na época que nós entramos nós tínhamos uma formação pedagógica, técnica muito forte e biológica, essa nova Resolução, conhecida como nº 3, de 1987, do Conselho Federal de Educação abriu uma perspectiva mais ampliada, ou seja, o profissional de Educação Física, o professor educador, ele tinha que ter também uma formação socioantropológica, filosófica – a Filosofia da Educação Física, a Sociologia da Educação Física do Esporte –, isso fez com que os nossos profissionais tivessem uma dimensão mais crítica do seu papel social enquanto educadores do movimento (inint) [00:28:57]. Iniciamos com a disciplina obrigatória, na década de 1970, chamada Prática Desportiva e avançamos para o curso de licenciatura plena também na década de 1970, um curso de três anos com 2.800 horas, avançamos, na década de 1980, com esse curso um pouco mais refletido, entretanto com a dimensão técnica muito fortalecida ainda, mas já oferecendo o curso de pós-graduação *lato sensu*, principalmente nas áreas de Fisiologia do Exercício, Cinesiologia e na área da Educação Física Escolar. Na década de 1990, nós então entramos com uma qualificação docente maior, ou seja, não tínhamos apenas mestres, já tinha alguns doutores, e pudemos já pensar no programa de pós-graduação *stricto sensu* com mestrado e doutorado. Vale a pena dizer que hoje nós temos a licenciatura, nós temos o bacharelado, nós temos a Educação Física licenciatura dentro do âmbito da Universidade Aberta do Brasil, ou seja, um curso semipresencial, temos o mestrado implantado e temos o doutorado implantado também. Então, dá para se perceber a evolução da Educação Física ao longo desses 45 anos. É algo que muitas vezes me deixa perplexo, porque houve um avanço muito grande em termos de perspectiva. Eu particularmente não imaginava que tivéssemos já um curso de doutorado nível 4, já com proximidade do nível 5, dentro da Universidade de Brasília. Vale a pena salientar que nós fazemos parte de uma rede de universidades públicas com um mestrado profissionalizante na área da Educação Física Escolar. Esse projeto, esse programa é coordenado pela Universidade Estadual de São Paulo, localizada em Rio Claro, mas nós fazemos parte dessa rede junto com mais oito ou nove universidades públicas. Uma perspectiva interessante que a gente tem percebido ao longo da criação do mestrado e do doutorado é a motivação dos nossos professores doutores em sair para fazer estágios pós-doutorais. Vale à pena dizer que o pós-doutoramento não diploma, quer dizer, não em termos de qualificação profissional. É um estágio que um determinado professor faz na universidade não com um orientador, mas com um supervisor em uma determinada temática, e vale à pena então enfatizar que a

motivação desses professores nossos para saírem para fazer seus pós-doutoramentos tem sido marcante. Além disso, muitos professores da casa têm recebido professores doutores para fazer estágio na própria Faculdade de Educação Física.

A.P.C.: Nos fale sobre a prática pedagógica da Educação Física no contexto da FS, décadas de 1970, 1980, até a criação da faculdade, e sobre os primeiros currículos da área.

I.J.C.: Quando chegamos aqui, o currículo implantado estava baseado em uma resolução do antigo Conselho Federal de Educação, Resolução nº 69, de 1969, então essa resolução tratava da Educação Física formação profissional. Quando chegamos aqui na UnB em 1974, o curso já tinha começado, entre aspas, porque o primeiro vestibular se deu no final de 1972. Então vamos entender o fenômeno: em 1972, tivemos então o vestibular; em 1973, os alunos entraram no curso, entretanto o currículo da época não deixava que os alunos tivessem disciplinas já no nível profissional, eles tinham aqui o chamado ciclo básico, então os alunos ficavam no Instituto de Química, de Física, da própria Faculdade de Ciências da Saúde, fazendo disciplinas como Química, Cálculo I, Cálculo II, alguma coisa também na dimensão da Faculdade de Educação, só no final do primeiro ano é que os alunos poderiam então se matricular em disciplinas considerados do ciclo profissional, então eles desciam para o Departamento de Educação Física e, nesse sentido, houve possibilidade, deu tempo, melhor dizendo, do então Departamento de Educação Física contratar os novos professores. Os primeiros contratados, a nível de coordenador de Prática Desportiva, o professor William e o professor Renato e, em seguida, vieram professores já no concurso de 1973 que chegaram a 13 professores, se eu não me engano. Esses 13 professores ficaram responsáveis não só para a formação profissional – licenciatura – mas também a Prática Desportiva e, como eu falei anteriormente, a preparação de equipes representativas. Entretanto, a Prática Desportiva I e II, como eram disciplinas obrigatórias, havia necessidade de a gente oferecer um número muito grande de turmas. Teve uma ocasião, não me lembro se em 1976 ou 1977, já sobrecarregados em trabalhos acadêmicos, trabalhos principalmente na Prática Desportiva, fomos professor Bettero, eu e, se não me engano, professor Catarino, não me recordo, conversar com o Coronel Lister, que era, na época, o decano de finanças da UnB, apresentando para ele a situação de um número excessivo de turmas necessário para a gente poder atender a demanda, ele sugeriu que a gente então colocasse 800 ou 1.000 alunos em um campo de futebol, por exemplo, na pista de atletismo, e um professor ou dois, no máximo, pudessem, em cima de um palanque, desenvolver, por exemplo, atividades de ginástica ou, na época muito comum também, de calistenia, que era uma ginástica muito militarizada e que veio provavelmente do Canadá e dos Estados Unidos. Então, a solução que ele deu para nós (inint) [00:35:43]: “você podem utilizar o número de professores, colocando um professor apenas para lecionar para 800 ou 1.000 alunos”. Essa foi a solução dada pelo nosso decano e que nos deixou assustados, uma vez que a gente foi lá no sentido de contratar mais professores e ele então: “olha, vocês estão muito bem, fiquem quietos, porque de repente há necessidade de descontratar e não contratar professores”. Depois dessa visita ao Coronel Lister, voltamos, colocamos o assunto

no colegiado do então departamento e resolvemos manter a oferta de Prática Desportiva na graduação também, disciplinas obrigatórias e disciplinas optativas, assim como a participação de todos os professores da época em preparação de equipes representativas.

A.P.C.: Quais foram as mudanças estruturais no currículo de Educação Física de 1972 até a criação da faculdade?

I.J.C.: Ótimo. Em 1972, nós então criamos o curso de Educação Física baseado na Resolução nº 69, de 1969, que tratava das diretrizes curriculares de formação da época. Como eu disse anteriormente, em três dimensões: a dimensão técnica, a dimensão biológica e uma dimensão pedagógica. Avançamos com essa formação profissional até 1987, quando a professora Vera Lúcia comandou ou liderou o processo de mudança estrutural de currículo, porque foram aprovadas as novas diretrizes curriculares baseadas na Resolução nº 7, de 1987, que cria então a possibilidade de uma formação profissional mais ampliada do professor de Educação Física, dando uma força muito grande a disciplinas de uma formação socioantropológica, filosófica e epistemológica. Nasce a partir daí um novo profissional, um novo professor de Educação Física. Entretanto, vale à pena dizer que essa resolução cria a figura do bacharel em Educação Física, então não existia, ou seja, o professor de Educação Física podia trabalhar dentro da escola e fora da escola. A partir de 1987, se criou o bacharel, ou seja, se começa a ver que o profissional de Educação Física deveria ter uma formação também um pouco mais específica para campos de intervenção profissional emergentes que estavam surgindo no nosso campo como, por exemplo, o mundo das academias, mundo fitness, aptidão física, o mundo do *personal trainer* e assim por diante. Então, a Educação Física, que estava baseada na formação técnica, esportiva e alguma coisa voltada à qualidade de vida e promoção à saúde, a partir de 1987, ela amplia, dando a possibilidade de o profissional trabalhar na vertente do lazer, na gestão esportiva, na qualidade de vida e promoção da saúde, assim como em uma vertente educacional que seria a Educação Física escolar. Essa foi uma mudança, na minha opinião, estrutural e uma outra mudança que aconteceu foi a partir da Resolução nº 7, de 2004. Nós ficamos um pouco atrasados, considerando que nosso curso tinha tirado o conceito cinco no Enade, e, em uma das reuniões, chegou-se à conclusão – alguém levantou a mão e falou: “veja, nós temos o conceito máximo no Enade, conceito 5, a gente vai mudar o nosso currículo para quê?” Fomos segurando. Entretanto, uma regulamentação da profissão criando o Conselho Federal de Educação Física e os conselhos regionais, o sistema Crefito e Confef, esse sistema começou a fiscalizar mais a profissão, não permitindo que o licenciado formado nessa lógica pudesse trabalhar fora da escola, então ficou exatamente o campo de intervenção da seguinte maneira: o licenciado podendo trabalhar apenas na escola e o bacharel podendo trabalhar em outros espaços de intervenção do trabalho com exceção da escola. Nesse sentido, houve a necessidade da Faculdade de Educação Física criar o seu curso de bacharelado em 2011. Então, nós atrasamos muito, porque chegamos à conclusão de que não havia necessidade de modificar nada. Com a regulamentação da profissão e a criação do Conselho Federal de Educação Física e dos conselhos regionais,

houve uma fiscalização maior da profissão, e aqueles formados na lógica da licenciatura aqui na UnB não podiam mais trabalhar fora da escola e, por conta disso, dessa exigência, nós então criamos o curso de bacharel em Educação Física, se não me engano em 2007, não tenho muita certeza, seria interessante até dar uma checada nisso. Então, essa foi a evolução: nós saímos de uma formação técnica, chegamos a uma formação com a dimensão epistemológica mais forte, mais ampliada, e a Resolução nº 7, de 2004, cria a figura do bacharel para trabalhar em espaços de intervenção profissional fora da escola. Em 1984, surgiram as resoluções que tratavam da nova formação do professor de Educação Física e criam a figura do bacharel. Entretanto, possibilitou essa resolução que o licenciado em Educação Física pudesse trabalhar fora da escola, então a grande maioria das escolas de Educação Física espalhadas por esse país adotou a política da licenciatura plena e poucas foram as universidades e centros universitários que criaram o bacharelado, naquela lógica de que quem pode mais pode menos. Então, veja bem, se o licenciado pode trabalhar na escola e fora da escola, por que que eu vou fazer bacharelado? Então ficou um bacharel muito pouco ofertado. Entretanto, com a Resolução nº 7, de 2004, com a regulamentação da profissão em 1998 e com a criação do Conselho Federal de Educação Física e dos conselhos regionais, a exigência mudou, porque eles começaram a fiscalizar aqueles profissionais formados em licenciatura que estavam dando aula fora da escola orientados de que a resolução que tratava da formação do novo educador para escola dava uma formação genuinamente para escola. Não houve mais a possibilidade daquele formado em uma licenciatura plena trabalhar fora da escola também. Então, a fragmentação da profissão está aí, ou seja, hoje o licenciado é para trabalhar na escola, é um currículo que, em princípio, deveria estar dentro de um princípio que chamamos de simetria invertida, o que se aprende na escola ou na universidade, melhor dizendo, tem que estar simetricamente voltado ao mundo da escola, da educação básica, e o bacharel com uma formação generalista em quatro vertentes ou quatro temáticas: a qualidade de vida e saúde, o mundo da gestão, o mundo do treinamento físico esportivo e a área do lazer. Então, normalmente, bacharel tem uma formação generalista com possibilidade dessas temáticas que eu citei. Entretanto, vale a pena salientar que tem uma nova resolução aprovada no final de 2018, se não me engano é a Resolução nº 6, de 2018, do Conselho Nacional de Educação, que fala agora das novas diretrizes curriculares da formação do profissional em Educação Física, sendo que vai ter uma formação que eu tenho considerado em y, ou seja, dois anos. Quando o aluno entrar no curso de Educação Física, ele não define a área da licenciatura ou bacharelado, então ele faz dois anos do que nós chamamos de núcleo comum, etapa comum. A partir de dois anos, ele então vai para a licenciatura ou vai para o bacharelado por mais dois anos. Então, são cursos de quatro anos com 3.200 horas da seguinte maneira: 1.600 horas no núcleo comum, 1.600 horas na licenciatura e mais 1.600 horas no bacharelado, sendo a possibilidade maior, acredito eu, de fazer uma espécie do intercâmbio de áreas, ou seja, o aluno que está fazendo a licenciatura aqui poder também fazer disciplinas optativas do bacharelado, quem sabe lá na frente tem uma dupla graduação. Entretanto,

acredito que é impossível o professor ou o profissional de Educação Física fazer uma formação em quatro anos.

A.B.C.: Professor, as políticas públicas para Educação Física, os currículos adotados ao longo dos anos, de que forma eles contribuem para a formação do professor de Educação Física? Eu estou falando da área escolar.

I.J.C.: Eu acho que, em termos de formação profissional licenciatura na Universidade de Brasília, a gente não fica devendo nada para ninguém. Estive o ano passado, eu fiquei o ano todo em Portugal e vi que a formação profissional, ou seja, o currículo de Educação Física implantado lá, e vale a pena salientar que, a partir do momento em que Portugal entrou na Comunidade Europeia, passa a ter o currículo muito próximo de 29 países, (inint) [00:45:58] se forma na Espanha, na França, na Holanda. Os currículos são muito similares, houve uma espécie de um equilíbrio de formação profissional. Fazendo uma comparação entre a formação de lá e a formação no Brasil, eu percebi claramente que a nossa formação em Educação Física escolar não fica devendo nada para ninguém, é de excelente qualidade. O problema é o seguinte: ao longo do tempo, a Educação Física, que era valorizada enquanto uma disciplina curricular, está passando, nos dias atuais, quase como uma atividade. Atividade, como próprio nome está dizendo, é algo que, estando ou não estando no currículo, é adicional, não faz parte da formação integral do ser humano. Por que isso? Porque a lógica da sociedade ocidental capitalista, a sociedade nossa de consumo está valorizando muito esse conhecimento das disciplinas técnicas, das disciplinas tidas acadêmicas, como Biologia, Matemática, Química... É quase que uma preparação para o vestibular, e a Educação Física está perdendo espaço, sendo que a Educação Física talvez seja uma das que poderia contribuir mais para formação da cidadania, porque, quando a criança, o jovem vai fazer Educação Física na escola, ele ou ela vai integralmente, vai de corpo e alma, e ali o professor competente poderia estar realmente desenvolvendo uma série de atividades de movimento, aumentando o repertório, o histórico de movimento das crianças, adolescentes e adultos, mas também trabalhando uma série de fatores como, por exemplo, o desenvolvimento afetivo, o desenvolvimento ético desses seus alunos. Isso não está acontecendo, porque a Educação Física perdeu a força na escola. Para você ter uma ideia, a Educação Física aqui em Brasília não é obrigatória em vários níveis e, quando é, está sendo oferecida uma vez por semana, no máximo duas vezes por semana, dentro do que nós chamamos carga horária no fluxo, ou seja, os alunos, naquele fluxo, naquele tempo de escola, fazem, por exemplo, Português, Matemática, Ciências e faz Educação Física nesse fluxo. A Educação Física hoje está contemplada como uma atividade, precisa alguém me mostrar o contrário, mas não é uma disciplina acadêmica dentro de um turno, ou seja, naquele turno o aluno faz Matemática, Português, por exemplo, Ciências e faz Educação Física, não no contraturno. Isso faz com que a Educação Física passe a ser uma atividade mais recreativa, porque uma atividade um pouco mais rigorosa, mais vigorosa exige um pouco mais de energia dos alunos e faz com que ele, quando volta para uma atividade mais acadêmica, não esteja no nível de prontidão para aprender esses novos conhecimentos de

disciplinas mais acadêmicas. O que eu vejo é isso, a lógica está muito voltada hoje para disciplinas que vão dar um embasamento para o aluno fazer o vestibular. É raro a gente ver, por exemplo, uma escola particular e pública que coloca a Educação Física como uma real disciplina acadêmica de formação do ser humano de uma forma integral. Então, o que falta para nós é um pecado que nós aqui da Educação Física da UnB fazemos há muito tempo: não desenvolver projetos e programas, enfim, ter um convênio, uma aproximação muito forte com a Secretaria de Educação, porque nós somos intelectuais, nós estamos realmente com um nível de embasamento cultural, social, pedagógico, da cultura (inint) [00:49:58] do movimento muito grande, mas a gente fica muito na nossa casa, a gente forma o nosso profissional, achando que isso é suficiente, na minha opinião não. É necessário que haja uma espécie de uma ponte de significado entre a UnB e a Secretaria de Educação, que a gente possa ajudar a desenvolver políticas públicas. A UnB está distante disso, é como se aqui a gente tivesse, de uma maneira integral, contribuindo ou tendo a nossa responsabilidade social e eu acho que não basta. É necessário que a gente faça, inclusive, pesquisas, não que vão para a biblioteca, pesquisas que realmente consigam mostrar como está o campo da Educação Física, que, na minha opinião, quando se refere à escola, deixa muito a desejar. É diferente do campo não formal, porque a Educação Física hoje é uma variável, melhor dizendo, a atividade física hoje é uma variável fundamental na qualidade de vida e de saúde. Não é só o profissional de Educação Física que está dizendo que essa atividade é importante, mas, por exemplo, o médico. Você vai no cardiologista, ele vai dizer para você: “olha, você tem que fazer isso, aquilo, mudar a alimentação, não deixe de fazer atividade física”. Assim como outras áreas. Então, no campo não formal, eu acho que é uma profissão emergente, dinâmica e em constante evolução. Eu fiquei impressionado com a quantidade de academias que tem no Distrito Federal hoje, é um absurdo. Quanto, por exemplo, o ex-profissional de Educação Física está recebendo? A quantidade de *personal trainers* que tem no cenário do Distrito Federal e região do entorno é uma coisa absurda. Só que, na área da Educação Física escolar, não tem concurso há muito tempo, então eu fico imaginando: “nós estamos formando o licenciado em Educação Física. Ótimo. Ele vai trabalhar onde? Quando que vai ter concurso? Quando que ele vai poder se efetivar na carreira docente?” Então, é algo que a Educação Física aqui da UnB tem discutido muito pouco. Não basta apenas discutir nosso currículo, a melhor formação, mas também a gente poder contribuir com a Secretaria da Educação, no sentido de desenvolver políticas públicas que possam colocar a Educação Física como uma real disciplina acadêmica. Pegando Brasília e entorno como espécie de um recorte do Brasil, a gente percebe que tem um conjunto enorme de escolas de Educação Física licenciatura. Me parece que, no Distrito Federal e entorno, tem 18 cursos de Educação Física licenciatura e bacharelado. Supondo que tem entre oito e nove da licenciatura e cada curso desse, cada instituição dessa formou em torno de 100 egressos, multiplicando por oito, nós pensaremos em torno de 800 educadores de Educação Física para a região do Distrito Federal e entorno. O problema é o seguinte: esses 800 alunos não têm espaço para trabalhar, uma vez que não há

concurso público. As escolas particulares são restritas em termos de oferecimento também de vagas, uma vez que elas já estão com seus professores, a não ser que professores outros se aposentem, tudo mais, mas, de uma forma geral, fica muito difícil, e a UnB tem que pensar em uma forma, junto com a Secretaria de Educação, de valorizar mais a Educação Física. Por que isso? Porque em muitas instituições públicas, imaginando a educação infantil, por exemplo, a Educação Física não está sendo lecionada por professores de Educação Física, e sim por pedagogos, normalistas ou por quem fez o Normal Superior. Você sabe muito bem que uma pessoa que faz a Pedagogia, que faz o Normal Superior não tem a mesma envergadura de conhecimento do que um profissional de Educação Física que participou de uma escola específica e fica pelo menos quatro anos com 3.200 horas na área, então é bem diferente. É isso, eu acho que a Educação Física está perdendo espaço na escola. Esse fenômeno, em parte, é por conta dessa valorização de disciplinas tidas acadêmicas e parte também que nós da área de Educação Física, principalmente das universidades, que têm professores um pouco mais reflexivos com a formação acadêmica, pedagógica melhor, pudéssemos mostrar o valor da Educação Física integral na formação humana. Enfim, eu acho que está faltando também as universidades mostrarem para que elas vieram. Nesse sentido, a gente pensa em uma espécie de uma ponte de significado entre a universidade, ou seja, a formação e quem lhe dá algum emprego, ou seja, a Secretaria de Educação.

A.B.C.: Teria algo mais que gostaria de fazer pela Educação Física ou sente que sua missão foi cumprida?

I.J.C.: Eu acredito que eu devo tudo à Universidade de Brasília e também à área de Educação Física, o então departamento e hoje Faculdade de Educação Física, ou seja, eu cheguei aqui muito inexperiente e a Universidade de Brasília me possibilitou refletir uma série de aspectos importantes não só na Educação Física, mas em uma formação de ser humano. Logo no início, eu tentei buscar uma formação um pouco mais ampliada, porque eu tenho uma vertente um pouco da inquietude. Eu acho que o conhecimento de hoje vale muito pouco para o agora mesmo e muito menos para o amanhã, então acho que quem está em uma universidade tem que pensar nessa dinâmica de uma educação permanente, contínua. Nesse sentido, eu sou um aprendiz até a morte, até que Deus me leve para um outro cenário, outro mundo, eu vou continuar sendo um aprendiz. Devo tudo à Universidade de Brasília, que me possibilitou não só o desenvolvimento cultural, profissional, mas também humano, e foi a UnB que possibilitou também que eu conhecesse minha esposa, constituí família em Brasília, como eu disse anteriormente, eu vim do interior de São Paulo, apesar de ter ficado três anos na capital, vim a Brasília como uma pessoa até certo ponto ingênua. A partir do momento que entrei na Universidade de Brasília, fui ganhando uma nova dimensão de reflexão enquanto ser humano, conheci a minha família, conheci a minha esposa, constitui família, tenho hoje três filhas, quatro netos, que me dão uma satisfação muito grande, e eu devo isso, em grande parte, à Universidade de Brasília. A UnB me favoreceu não só a possibilidade de ter um emprego relativamente permanente, mas também a possibilidade de

avançar, então eu comecei com a graduação, fiz especialização, fiz o mestrado graças à UnB, fiz o doutorado graças à UnB e fiz um pós-doutoramento recentemente em Portugal graças à universidade. Então devo muito a essa instituição. Ela não é física, ela não é anônima, a UnB eu vejo como uma instituição formada por seres humanos e, como seres humanos, eu percebi que ela tem não só na educação física, mas em todas as áreas do conhecimento pessoas invejáveis em termos de dimensão cultural, humana, científica e por aí afora. Quanto ainda à possibilidade de eu avançar um pouco mais em termos de assuntos que quem sabe a Educação Física me interesse, realmente eu acredito que ainda posso contribuir em alguma coisa, por exemplo na área da Educação Física semipresencial que eu chamo híbrida. Apesar de os professores aqui da faculdade terem desenvolvido uma pedagogia híbrida, que você sabe muito bem que a pedagogia do presencial é totalmente diferente de uma pedagogia da EaD, os professores hoje têm uma competência muito maior, tanto é que a Educação Física aqui na UnB está muito à frente de outras áreas, mas acho que há necessidade de a gente dar continuidade do curso de licenciatura a distância dentro da Universidade Aberta do Brasil. Por que isso? Porque nós tivemos uma contribuição muito forte na área social, não estou falando apenas de Brasília, estou falando do Brasil, quem sabe o Brasil profundo, ou seja, aquele Brasil que poucas pessoas conhecem, como, por exemplo, eu vivo citando o caso de Piritiba, uma cidade lá no sertão da Bahia, que nós formamos 60 professores. Quando a UnB entrou lá no curso de Educação Física licenciatura, todos eram leigos, não havia um professor não só na cidade, mas na região toda, e nós temos hoje lá no sertão da Bahia, na região de Piritiba, 60 professores formados pela UnB, assim como outros cantos. Esse programa é interessante, porque ele é itinerante. Ele sai de uma determinada região e vai para outra. É o caso de Piritiba. Resolvemos o problema lá de massa crítica, inicial, a gente já vai para uma outra região. Não é um curso fixo. Por isso que a graduação a distância favorece. Agora, ficou um curso mais semipresencial, porque a gente tem também laboratórios de vivências corporais que são desenvolvidas nos polos. Além disso, eu acho que um projeto que deveria sair, seria uma contribuição muito grande da Educação Física da UnB para o cenário nacional, o que nós chamamos de tecnólogo em gestão do esporte. O que vem a ser isso? O tecnólogo é uma graduação. No Brasil, existem três possibilidades de graduação: a licenciatura, o bacharel e o tecnólogo, que é uma formação de graduação mais encurtada, de dois anos. Na área da gestão do esporte, nós temos uma incompetência brutal. Não estamos falando apenas de quem está, por exemplo, ali na ponta, no clube, trabalhando com iniciação esportiva, formação de atletas... Nós estamos falando também de quem está gerenciando as federações e as confederações nacionais. Segundo dados do antigo Ministério do Esporte, o presidente de uma determinada confederação não sabe apresentar um projeto para receber, por exemplo, uma verba pública e, quando ele faz, não sabe prestar contas, então a área da gestão esportiva é realmente... Não uma incompetência, mas eu diria que nós estamos em um estágio muito elementar ainda para avançar em uma competência mais profissional. O que eu quero dizer é que a gestão hoje esportiva é mais amadorística do que profissional, e a UnB, por conta da expertise de vários professores aqui na área de

(inint) [01:02:05] esportiva, além de um vínculo com a Faculdade de Administração da UnB, a gente conseguiu ter um corpo docente que deveria apresentar um projeto que pudesse ser implementado em nível nacional. Falta convencer realmente quem está hoje na vanguarda, ou seja, quem está na liderança política da hoje Secretaria de Esporte em nível nacional, mas é um projeto que eu acho que a UnB poderia contribuir bastante.

A.B.C.: Para encerrar a nossa entrevista que mensagem o senhor gostaria de deixar para os colegas de profissão, para os professores que estão na ativa lá na educação básica e para futuros estudantes do curso de Educação Física?

I.J.C.: Em relação a esse corte que a Faculdade de Educação Física... Nós temos 46 professores. Como eu disse anteriormente, nós avançamos bastante. Não tínhamos nada, era uma formação muito restrita e hoje nós temos um curso de doutorado implantado, em termos de 45 anos. Foi um ganho não só quantitativo, mas qualitativo. Entretanto, falta uma visão mais interdisciplinar. O que eu quero dizer é que os professores hoje estão tendo uma competência muito nas suas áreas, eu diria em departamentos, então a Educação Física está muito departamentalizada, e eu acredito que a educação do futuro é mais integrativa. Para isso, é necessário que os professores estejam abertos a receber uma discussão não só da sua área, mas colocando a sua área dentro de um fenômeno mais complexo que é exatamente o movimento humano. O professor é muito competente desde que esteja dentro da sua área: o professor de Aprendizagem Motora, o professor de Desenvolvimento Motor, o professor de Cinesiologia e de Fisiologia do Exercício. Agora, a grande sacada do futuro seria um projeto de currículo mais interdisciplinar, que, na minha opinião hoje está muito nas falácias das aulas teóricas dos profissionais não só da Educação Física – da Educação Física com certeza. Então, é necessário que o profissional, o professor universitário tenha um nível de vaidade um pouco menor para que possa aceitar argumentos de outras áreas para que possa realmente ter uma contribuição e fazer realmente esse conhecimento mais integrativo. Talvez eu não viva isso, porque a lógica da sociedade, principalmente ocidental, é departamentalizar o conhecimento. Isso, a curto prazo, deu certo, mas, a médio e longo prazo, eu acho que a educação, a sociedade futura há necessidade dessa integração. Em relação aos estudantes que estão chegando e que vão se formar nessa nova Educação Física, o que eu percebo é que o aluno está vindo com conhecimento muito superficial, quer dizer, ele entende um pouquinho de cada área de uma maneira muito... Não artificial, mas superficial. É necessário um aprofundamento maior, quer dizer, esses alunos que estão vindo são crias, são educados dentro das mídias sociais, da internet e eles não estão tendo tempo, não estão valorizando o conhecimento mais aprofundado, eu vejo nas minhas disciplinas. As questões mais superficiais eles realmente conseguem desenvolver e acertar, mas aquelas que demandam um conhecimento mais de contexto, que é exatamente o currículo interdisciplinar, eles têm muita dificuldade, porque a formação anterior deles veio realmente de maneira muito fragmentada. Então, é algo que eu acho que aqui na Educação Física da UnB, provavelmente as grandes universidades públicas, centros universitários de faculdades isoladas ou particulares têm que pensar nessa lógica. Em relação à Educação Física

na escola, eu já falei anteriormente que há necessidade de uma ponte entre a Secretaria de Educação e a Universidade de Brasília, por exemplo, para que a gente possa não só valorizar a Educação Física, mas mostrar claramente por que ela vem a ser uma disciplina acadêmica na formação integral do ser humano. Nós perdemos esse espaço. Eu até diria para você algo chocante, me desculpe se exagerado, mas eu acho que a Educação Física na escola está um caos, porque ela não é uma disciplina, é uma atividade, e o professor, muitas vezes, organiza e prepara uma aula às 8h da manhã e vai com essa aula até às 6h da tarde como se fosse públicos iguais, sendo que, às 8h da manhã, provavelmente ele está com um grupo de 8 anos de idade, de 9 e, à tarde, está, por exemplo, com um grupo de adolescentes, colocando a mesma atividade. Por isso, eu digo que é uma atividade, ela não está contextualizada enquanto uma disciplina, quer dizer, o que deve ser ensinado para uma criança em termos de Educação Física? O que tem que ser ensinado para um adolescente? Quais são os conhecimentos da Educação Física que são fundamentais? Porque se você pega, por exemplo, vamos imaginar uma aula de Matemática. Matemática tem um conjunto de pré-requisitos, de conhecimentos que vão sendo articulados até um nível mais complexo. Imagina você uma criança, quando chega na escola, vai aprender o significado dos números, não é isso? O que significa o um, o dois, o três. Depois, ela entra nas quatro operações matemáticas como subtração, adição, multiplicação e divisão e aí ela vai avançando até chegar em um nível de complexidade maior. Em Educação Física, como é que se dá esse cenário? Como é que se dá essa articulação de conhecimentos? Então, me parece que, para nós, não está muito claro o que deve ser ensinado na Educação Física, e convencer os pares e também os coordenadores, os diretores de escola de que ela não pode ser atividade, ela é uma disciplina tão importante quanto. Agora, como é que você vai fazer a Educação Física competente em todas as áreas, todas as instituições? Os conselhos nacionais e internacionais dizem que ela tem que ser diária, a Educação Física tem que ser diária, tem que ser permanente. Com uma vez por semana com 50 minutos, muitas vezes lecionada por uma pedagoga, por uma normalista ou por uma regente de classe. Como é que se dá isso? Está todo mundo dizendo que para ser, para fazer parte da formação ela tem que ser diária, mesmo porque você sabe que tem uma série de indicações científicas orientando que a Educação Física não está dando conta. Hoje, as crianças estão ficando mais obesas, aquelas doenças crônicas, degenerativas estão acontecendo não mais na idade adulta, estão acontecendo precocemente. Crianças diabéticas, obesas, sedentárias, com problemas cardíacos e tudo mais, e a Educação Física não está conseguindo mostrar que ela tem algo importante nessa área da qualidade de vida e promoção da saúde das crianças, jovens e adultos. Então ela está um caos por isso. Ela é muito importante, entretanto ela não está conseguindo mostrar a importância dela no cenário da educação escolar, é uma pena. Eu finalmente gostaria de parabenizar a iniciativa do Grupo Imagem, da Rede Cedes da Faculdade de Educação Física por essa iniciativa, uma vez que recupera e valoriza a memória da Educação Física aqui dentro da UnB, o que é coisa rara dentro do cenário nacional. O Brasil infelizmente não valoriza a sua memória, o que vale é o hoje, quem

sabe o amanhã, e você sabe muito bem que o passado, essa memória tem muito a ver com presente e, muitas vezes, com futuro, então, quer dizer, passado, presente e futuro estão, na verdade, articulados. O Brasil não tem essa cultura ainda. Eu fiquei o ano passado em Portugal e percebi que, apesar de não tão valorizada, eles estão muito na nossa frente em temas de valorização da memória, da cultura portuguesa. Então, é algo que realmente me sensibiliza bastante, eu fico muito orgulhoso dessa iniciativa de vocês e acho que a contribuição deveria, a partir dessa iniciativa, ser de todo mundo, não perder a perspectiva do hoje e do amanhã, sempre recuperando e alimentando esse projeto de memória, porque na verdade é um projeto permanente.

A.P.C.: Em nome da Faculdade de Educação Física, do Grupo Imagem e da Rede Cedes, agradeço a participação do senhor. Do grupo de professores pioneiros, é o único que ainda está na ativa e dando contribuições extremamente importantes para o curso de Educação Física, para a faculdade, para a universidade. É com imenso prazer que eu estive hoje entrevistando o senhor, e esse é um projeto que deverá ser permanente e institucional, porque precisamos estar o tempo todo buscando essa memória e registrando na história da faculdade para a posterioridade.

Muito obrigada!

Construção do Centro Olímpico (CO). Homens preparando o terreno para a construção.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-16>.

Aos mestres, com carinho

História e memória da Educação Física na Universidade de Brasília

O livro expõe uma produção historiográfica acerca da Faculdade de Educação Física, tendo como objetivo desenhar uma linha do tempo com acontecimentos que marcaram o período que antecedeu sua criação. Além disso, buscou mapear os professores de Educação Física pioneiros, assim considerados porque participaram dos primeiros anos de atividade da UnB.

A trajetória histórica da educação física, esporte e lazer na UnB é fruto de um empreendimento coletivo de mais de 50 anos, em que os professores pioneiros tiveram protagonismo. A presente obra é dedicada a eles, tendo sido composta por entrevistas realizadas primeiramente em 2005 e, posteriormente, entre 2018 e 2019. Visite o site <https://cemefef.unb.br/> e acesse outras fontes históricas.

EDITORA
UnB 60

